



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Relação e dinâmicas de casal de avós na presença de doença crónica e relação com os netos: uma leitura relacional - simbólica.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Elisabete Cristina Dias Fernandes

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

DEZEMBRO 2017



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Relação e dinâmicas de casal de avós na presença de doença crónica e relação com os netos: uma leitura relacional simbólica.

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Elisabete Cristina Dias Fernandes

Sob a Orientação do Prof. **Doutor Ricardo Jorge de
Oliveira Pinto Peixoto**

Resumo: Esta investigação tem por base a perspectiva relacional simbólica que tem em conta a componente relacional e simbólica da família. O objeto deste trabalho é conhecer a relação, as dinâmicas de casal na presença de doença crónica e a dinâmica relacional com os netos. Trata-se de um estudo de caso em que o instrumento utilizado é a entrevista clínica generacional, que se foca nos intercâmbios generacionais em diversas situações de vida do casal. Este estudo foi realizado com um casal de avós casados há 31 anos e ambos com 54 anos de idade, em que o elemento do sexo masculino é portador de Insuficiência Renal Crónica. Conclui-se que a doença é um aspeto central na vida do casal influenciando assim a sua dinâmica. Relativamente à relação avós-netos, esta encontra-se mascarada pelo impacto que a doença tem na vida familiar deste casal. A grã-parentalidade é abordada pelo casal, ainda que de forma superficial, não conseguindo assim explorar a relação avós-netos, apesar disso os netos têm um papel importante na vida do casal. Este é um estudo piloto, através do qual não foi possível aceder à relação intergeracional avós-netos com a profundidade desejada, no entanto acreditamos que utilizando este mesmo instrumento em estudos futuros será possível ter acesso a essa informação.

Palavras-chave: dinâmica de casal; doença crónica; avós; netos

Abstract This research is based on the symbolic relational perspective that takes into account the relational and symbolic component of the family. The purpose of this work is to know the relation and the dynamics of couple present on chronic sickness and the relational dynamics with the grandchildren. It is a case study in which the instrument used is the generational clinical interview, focus on the generational exchanges in several situations of life of the couple. This study was performed with a couple of grandparents with 31 years of marriage and both with 54 years of age, in which, the male element have a Chronic Renal Insufficiency. It is concluded that the disease is a central aspect in the life of the couple thus influencing its dynamics. With regard relationship between grandparent and grandchild, it is masked by the impact that the disease has on the family life of this couple. Great parenting is approached by the couple, albeit superficially, thus failing to explore the grandparent-grandchild relationship, though grandchildren have an important role in the couple's life. This is a pilot study, through which it was not possible to access the intergenerational grandparent relationship with the desired depth, however we believe that using this same instrument in future studies will be possible to have access to this information.

Keywords: couple dynamics; chronic disease; grandparents; grandchildren

Índice

Introdução	1
O modelo Relacional-Simbólico	2
Transição para a parentalidade.....	3
Transição para a grã- parentalidade	4
Última transição: a família perante a morte	4
Metodologia	6
Objetivos de estudo	6
Método	6
Instrumento	7
Participantes	8
Procedimentos	9
Apresentação e discussão de resultados	9
Conclusão	28
Referências Bibliográficas	30
Anexos.....	33

Introdução

Esta investigação foca-se na família e tem por base a perspectiva Relacional simbólica, que se enquadra no modelo sistémico, contudo existem outros modelos que perspetivam a família de uma forma diferente. Neste sentido começamos por contextualizar a família segundo o modelo relacional simbólico e posteriormente por explicá-lo. O modelo relacional simbólico, como o próprio nome indica compreende uma visão relacional (representada no passado, presente e futuro) e simbólica (as trocas que se dão nas famílias) da família.

O ciclo vital da família inclui diferentes gerações, tendo por base as várias transições nomeadamente a transição para a conjugalidade, parentalidade, transição dos filhos para a vida adulta, grã-parentalidade e a transição para a morte, embora neste estudo se atribua maior ênfase à transição para a conjugalidade, grã-parentalidade e última transição. A relação é algo que não se revela de imediato e tem manifestações importantes nos momentos de transição, que inclui o que liga e vincula a família. Na relação está incluída a história específica da família, que por sua vez se encontra ligada à subcategoria social, ou seja, valores, mitos e modelos de relação (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Dentro das transições ocorrem outros eventos críticos como é o caso da doença na última transição. A doença é uma variável essencial neste estudo, uma vez que nos propomos a perceber as dinâmicas de casal na presença de doença, bem como perceber se a doença influencia a relação avós/netos. Este é um estudo piloto no qual foi utilizada a Entrevista Clínica Generacional (ECG) que é um instrumento qualitativo organizado em três dimensões: origens de cada membro; formação e desenvolvimento da relação de casal; passagem e transmissão à geração seguinte.

O modelo Relacional-Simbólico

A família é um sistema que compreende um desenvolvimento contínuo, visto que na perspectiva relacional simbólica, a família é uma unidade emocional contínua, na qual permanecemos desde que nascemos e até depois da morte, através da herança simbólica (Gambini, 2007; Cigoli & Scabini, 2006).

Cigoli (2006), defende que existe a necessidade de uma alteração de paradigma de modo a incluir a pessoa no seu todo, e considerando-a como lugar de ação e reflexão. Este novo paradigma compreende a família numa visão relacional- paradigma multinível que pode ser representado no passado, presente e futuro (Scabini & Cigoli, 2000) e simbólica- representa as trocas que se dão nas famílias, é um processo dinâmico e assimétrico, onde o indivíduo partilha com o outro ações e informação (Scabini & Iafrate, 2003).

A dimensão simbólica remete-nos para as qualidades da relação, nomeadamente a confiança (fundamental para a constituição de vínculos), esperança (positividade da vida, presente ao longo de toda a trajetória de vida, sobretudo nas transições críticas) e justiça (o que permanece na transição generacional, ou seja, o tecido conectivo das famílias), indissociável da justiça encontra-se a lealdade, que corresponde a um compromisso com o outro (Scabini & Cigoli, 2014).

As transições na família assumem-se como eventos críticos que vinculam todos os elementos da família aos valores, à cultura, e à história. Todas as transições têm impacto na organização familiar, dando oportunidade de crescimento e de emergir uma nova dinâmica relacional (Scabini & Cigoli, 2000).

A existência de diferentes gerações tem por base as transições que ocorrem ao longo do ciclo vital da família, transição para a conjugalidade, parentalidade, transição dos filhos para a vida adulta, grã-parentalidade e transição para a morte. Estas transições ocorrem em simultâneo no sistema familiar (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Transição para a conjugalidade

Na transição para a conjugalidade surge o pacto conjugal integra dois pólos, o pólo ético e o pólo afetivo, estando estes em permanente interação. Este pacto tem como objetivo o equilíbrio entre a unicidade e diferença dos membros do casal, em que se pretende que se reconheça a diferença e a semelhança no outro, inclui assimetria e igualdade das condições sociais, bem como na reciprocidade de cuidados (Cigoli & scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). A construção de um casal implica o encontro de duas pessoas provenientes de modelos familiares diferentes, e que transportam para esta nova relação aspetos da sua história familiar.

O casal funde-se segundo um pacto secreto - necessidades, valores, ideias e expectativas, que cada membro do casal transporta da sua família de origem para a relação (Scabini & Cigoli, 2000; Cigoli & Scabini, 2006) e um pacto declarado - pacto de confiança que advém do matrimónio (Pincus & Dare, 1987). Nesta transição pretende-se que o casal construa a sua identidade diferenciando-se das suas famílias de origem, alterando o seu papel na mesma. A construção desta nova identidade passa pela adoção de um estilo relacional concreto, construído a partir do que foi inculcado nas famílias de origem, ou seja, sem que se dê uma rutura total, mas também sem que se torne uma réplica das mesmas (Scabini & Cigoli, 2000; Scabini & Cigoli, 2006).

Transição para a parentalidade

A transição para a parentalidade acrescenta ao casal novas responsabilidades nomeadamente, o cuidar e amar o novo membro da família, passando o casal a praticar a generatividade. A parentalidade acarreta ainda mudanças a nível conjugal, introduzindo novos papéis familiares que necessitam de ser negociados (Gambini, 2007). Estas mudanças a nível conjugal, podem ser tanto positivas (consolidar a identidade de casal, reforçando o laço e ativando recursos relacionais e pessoais) como negativas (impedir o crescimento conjugal e em última instância quebrar o laço) (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Iafrate, 2003).

As tarefas nesta transição passam por regular a distância e a proximidade perante os filhos, gerindo o papel parental de forma a não se descurarem do papel conjugal (Cigoli & Scabini, 2006; Greco, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Transição dos filhos para a vida adulta

Quando os filhos são já adultos e constituem a sua família nuclear, o casal passa da generatividade parental para a generatividade social, em que o objetivo é conservar e reinventar a cultura, de modo a transmitir o sistema simbólico da mesma (Kotre, 1996). O foco central nesta fase volta a ser o casal e as suas relações sociais, apesar de continuar a desempenhar funções no sistema familiar (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). O casal tem tarefas enquanto filhos, com o envelhecimento dos seus pais, podem estar perante situações exigentes como é o cuidar destes em circunstância de doença (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Enquanto pais, o casal deve ajudar os filhos na aquisição das suas responsabilidades de adultos (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000, 2012; Scabini, Marta & Lanz, 2006).

Transição para a grã-parentalidade

A transição para a grã-parentalidade decorre de um efeito intergeracional do nascimento de um novo membro da família, uma nova geração (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000). Esta é sem dúvida um marco importante do ciclo vital da família, uma vez que se altera a estrutura familiar e se modificam os papéis dos vários membros da família (Kipper & Lopes, 2006), diz respeito a uma nova forma de generatividade, voltada agora para os outros, passando-se da generatividade parental para a generatividade social (Raguso, 2010). A generatividade é um valor que se transcende a si mesmo, incluindo gerações passadas, presentes e futuras (Scabini & Cigoli, 2014). O tornar-se avô/avó representa para estes uma realidade cada vez mais próxima da morte, ainda que de forma inconsciente (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000).

Última transição: a família perante a morte

A morte é uma passagem que desencadeia aspetos simbólicos, é a transição da presença para a ausência (Scabini & Cigoli, 2000). Com o envelhecimento surgem inevitavelmente outras transições e eventos críticos como a saída dos filhos da casa dos pais, entrada na reforma, o tornar-se avós a possibilidade de surgimento de doença, a viuvez e por fim a morte (Scabini & Cigoli, 2000).

A família perante a morte corresponde à última transição esta que surge com o envelhecimento do casal, que por sua vez ocupa agora outro papel na família e na sociedade. Até aqui o idoso adotava uma posição central no sistema familiar, contudo com o declínio produzido pelo envelhecimento esta posição central passa a ser ocupada por outro membro da família, passando o idoso a ocupar uma posição periférica. Quanto à alteração do papel do idoso na sociedade referimo-nos sobretudo à entrada na reforma, este que é o principal evento crítico que marca esta transição (Scabini & Cigoli, 2000).

A viuvez é também um dos eventos críticos que marca esta transição. A tarefa de desenvolvimento em caso de viuvez passa pela aceitação da morte do cônjuge e pela preparação da própria morte (Scabini & Cigoli, 2000).

O aparecimento da doença é provavelmente um dos eventos mais críticos na evolução da família, não só para o compromisso laboral como para a reabilitação. A doença requer que os membros da família questionem o sentido geral das relações e reflitam sobre o significado da vida (Cigoli, 1992). Esta embora ponha à prova as relações familiares, pode ser uma oportunidade de crescimento, uma vez que pode influenciar a resolução de conflitos, para além de poder completar o processo de transmissão intergeracional (Cigoli, 1992).

A geração dos filhos tem agora de garantir todos os cuidados necessários aos pais. A doença pode proporcionar aos filhos adultos, agora na linha de frente, a responsabilidade de garantir o que receberam das gerações anteriores (Scabini & Cigoli, 2000). Kornhaber (1996), propõe uma classificação dos vários tipos de papéis que os avós podem desempenhar, nomeadamente o simbólico (transmissão histórica da família), instrumental (papel ativo dos avós na vida dos netos, sobretudo no papel de cuidador), sentimental/ emocional (relatado como o papel mais gratificante da relação, vai sendo alterado à medida que o neto/a cresce) e espiritual (aprendizagem dos netos através da observação dos avós na prática religiosa).

A literatura numa perspetiva mais geral realça que são muitos os fatores que podem influenciar a relação avós-netos, embora não haja consenso. Dentro das variáveis mais estudadas destacam-se a frequência de contacto - associado à distância geográfica (Dias & Silva, 2003); género e linhagem - os estudos tendem a ser unânimes na referência às avós maternas como as mais próximas dos netos (Danielsbacka & Tanskanen, 2012; Kennedy, 1992; Matos & Neves, 2012; Osuna, 2006; Ross, Hill, Sweeting & Cunningham-Burley, 2005; Taylor et al., 2005; Viguer, Meléndez, Valencia, Cantero & Navarro, 2010; Wise, 2010); idade - a literatura não aponta dados congruentes, algumas investigações concluem que à medida que a idade dos avós avança, maior é o distanciamento que têm com os netos adolescentes, na perspetiva dos netos (Triadó, Martínez & Villar, 2000). Noutra perspetiva existem investigações que afirmam que a idade não é uma variável influenciadora da relação, visto que esta se vai alterando ao longo do tempo (Triadó et al., 2005).

Por fim abordamos a variável que mais nos interessa neste estudo, a saúde dos avós. A perceção de menor saúde pode ser vista na perspetiva dos netos como menor afeto (Creasey & Kaliher, 1994), considerando assim que a relação se torna menos forte quando um dos avós é portador de doença (Sanders & Trygstad, 1993). Quanto mais intensa a relação e mais grave a doença, maior é o medo de que venham a morrer num futuro próximo e que a relação possa ficar afetada. Já no que concerne à relação avô/avó que não se encontra doente e o neto, verificam-se efeitos positivos, nomeadamente maior proximidade e apoio emocional (Orel & Dupuy, 2002).

Esta transição fica concluída quando as gerações mais novas interiorizam toda a história familiar, e todo o legado da geração mais velha. Tendo também a capacidade de transmitir toda essa história às gerações seguintes, o que faz com que o lar existente com o casal de idosos permaneça vivo.

Metodologia

Objetivos de estudo

Objetivo geral

- Conhecer a relação, as dinâmicas de casal na presença de doença crónica e a dinâmica relacional com os netos.

Objetivos específicos

- Conhecer e explorar a relação e as dinâmicas de casal na presença de doença crónica por parte do marido;
- Explorar a relação entre avós e netos na presença de doença crónica;
- Compreender se a entrevista clínica generacional se adequa ao estudo da relação avós e netos.

Método

Este estudo consiste numa investigação qualitativa esta que considera o sujeito como pensante, dando significado aos fenómenos. Na investigação qualitativa a subjetividade do investigador e dos participantes, são incluídas no processo de investigação (Flick, 2002). Desta forma deve-se ter em consideração as reflexões do investigador, constituindo estes, dados válidos e relevantes. Na investigação qualitativa, ao contrário de outros métodos, o objeto a estudar determina a escolha do método e não o contrário. Utiliza instrumentos abertos que se ajustam ao objeto estudado (Flick, 2002).

Em síntese as três principais características da epidemiologia qualitativa consistem no carácter interativo do processo de produção de conhecimento; o conhecimento é produzido através de uma construção interpretativa; e a significação da singularidade como nível legítimo de produção de conhecimento (González, 1999).

Esta investigação consiste num estudo de caso, uma vez que permite estudar em profundidade a estrutura relacional e simbólica de uma família, descrevendo assim em profundidade e de forma exaustiva a complexidade de um sistema familiar concreto (Simons, 2009/2011).

Segundo Stake (1995/2010) o estudo de caso é o estudo da unicidade e complexidade de um caso, através do qual se compreende o seu funcionamento. Neste tipo de estudos, o objetivo é compreender o caso em particular e não a generalização (Simons, 2009/2011). Ou

seja, os estudos de caso têm como objetivo o aprofundamento da vivência de um indivíduo ou de um grupo, examinando as suas principais características, através da descrição holística, partindo da relação entre os diferentes membros (Johnson & Christensen, 2008).

Instrumento

A Entrevista Clínica Generacional (ECG) (Gonçalves, Trigueiros, Peixoto, & Raguso, 2010a; 2010b; Raguso, Fachin, Molgora & Gonçalves, 2010; Raguso, Peixoto, Gonçalves, Trigueiros, 2010a; 2010b), tem as suas raízes na literatura clínica e psicossocial sobre relações familiares e procura sintetizar a complexidade da vida familiar (Cigoli, Gozzoli, Marta & Tamanza, 2003; Cigoli & Tamanza, 2009). Esta entrevista para além de ser utilizada em estudos de investigação, pode também ser utilizada em contexto clínico, uma vez que se foca nos intercâmbios generacionais, em diversas situações de vida do casal, o que permite a avaliação e posterior intervenção psicológica.

A ECG é um instrumento qualitativo organizado em três dimensões: origens de cada membro; formação e desenvolvimento da relação de casal; passagem e transmissão à geração seguinte. Da codificação da informação que a entrevista recolhe obtém-se três classificações em cada uma das três dimensões: Fecunda, Ambivalente e Falida (Cigoli & Tamanza, 2009).

Primeira dimensão: origens de cada membro

O casal de *Origens Fecundas* é caracterizado pela capacidade de cada um dos membros de não se fechar sobre a sua própria família e de reconhecer as famílias de origem como uma fonte de identificação benéfica.

O casal de *Origens Falidas* é caracterizado pela existência da combinação de indiferença e de abuso, seja material, psicológico ou sexual, com tentativas recorrentes de alienação de um dos pais ou de uma das famílias de origem. O casal experiencia sentimentos como angústia profunda, terror, desespero e desconfiança.

O casal de *Origens Ambivalentes* é caracterizado por falhas relevantes, como a ausência e o abandono de algum membro. Existem crises explosivas e outras silenciosas nas relações entre membros do casal e a sua família de origem, existindo também sentimentos de repúdio, hostilidade e confusão, ao mesmo tempo que existem identificações positivas. Pode existir no casal por um dos membros ser de *Origem Falida*.

Segunda dimensão: formação e desenvolvimento da relação de casal

O casal com *Relação Fecunda* caracteriza-se pela existência da capacidade de cada um dos membros em investir no laço que os une, reconhecendo no outro o que faz pelo próprio, independentemente dos seus defeitos. Passa pela expressão de áreas exclusivas do casal e de momentos mágicos (áreas e momentos construídos pelos dois e dotados de significado pelos dois membros) e pela capacidade de partilhar alegrias, dores, saúde e doença.

O casal com *Relação Falida* tem uma espécie de “anti-relação”, já que existe a tentativa sistemática de exploração das fraquezas do outro. Estes casais são ainda caracterizados por um ambiente de humilhação, de desprezo e de violência física e ainda pela existência de perturbações na sexualidade do casal.

O casal com *Relação Ambivalente* caracteriza-se por ter uma relação com um sentimento recorrente de perigo, seja do seu fim, acompanhado de sentimentos de isolamento e marginalização, seja da vivência de constrição e aprisionamento, existindo tentativas de libertação, conscientes ou não. Uma outra característica passa pela dificuldade do casal em desenvolver as áreas exclusivas do casal e as vivências conjuntas de alegrias e de dores.

Terceira dimensão: passagem e transmissão à geração seguinte

O casal que apresenta uma *Passagem Fecunda* é capaz de investir no presente-futuro, ligando-o ao passado familiar, ao mesmo tempo que consegue abordar os desafios presentes. Este tipo de casal é ainda caracterizado pela forma como consegue lidar com dúvidas e medos e pela forma como sabe reconhecer a especificidade de cada filho.

O casal que apresenta uma *Passagem Falida* não consegue encontrar uma forma de fazer a passagem. Este tipo de casal acredita que cada um deve construir a sua própria vida e que em breve os laços deixarão de existir. Os filhos acabam por ou viver uma projeção sobre o si da incapacidade parental em lidar com os eventos da vida ou por verem os seus problemas ligados pelos pais à genética ou às características sociais.

O casal que apresenta uma *Passagem Ambivalente* é caracterizado pela intenção em passar valores, mesmo que sejam das suas famílias de origem, mas teme que não seja suficiente, culpando muitas vezes o exterior pela falta de sucesso e havendo sentimentos de angústia em relação ao futuro.

Participantes

O estudo foi feito com um casal originário do Norte de Portugal. O elemento do casal do sexo masculino (A.) tem 54 anos, é portador de insuficiência renal crónica, o que levou à

amputação do membro inferior direito e por esse motivo é reformado por invalidez. Para além de ser portador de insuficiência renal crónica é também diabético. O elemento do sexo feminino (B.) tem 54 anos está atualmente desempregada. É o primeiro casamento de ambos e têm dois filhos, uma filha com 29 anos e um filho com 30 anos, ambos atualmente emigrados. O casal tem três netos, um na linhagem paterna e dois na linhagem materna, estes últimos residem atualmente com o casal. Ambos pertencem a famílias de origem tradicionais em que o homem tem clara prevalência nas decisões que envolvem a família e com um número alargado de irmãos, A. tem 8 irmãos e B. 14.

Procedimentos

Os participantes deste estudo foram selecionados por conveniência, uma vez que deveriam apresentar determinadas características, nomeadamente constituírem um casal, serem pais e conseqüentemente avó. Para além disso um dos membros do casal teria de ser portador de doença crónica. Depois de selecionados os participantes deste estudo, foi realizado numa primeira fase um contacto com os participantes de modo a expor a temática do presente trabalho, através de um consentimento informado, que explicita de forma clara, os objetivos do trabalho, todos os benefícios, riscos, este que foi assinado pelos mesmos. Posteriormente numa fase mais avançada procedeu-se à recolha de dados, através da utilização do instrumento previamente referido. A entrevista foi feita ao longo de uma tarde, num local sossegado e confortável para os participantes. De forma a não perder informação e tendo sido dada autorização por parte do casal, procedeu-se à gravação áudio da entrevista, posteriormente foi realizada a codificação da mesma (anexo).

Apresentação e discussão de resultados

Optou-se por apresentar e discutir os resultados simultaneamente, de modo a facilitar ao máximo a organização e a leitura do trabalho. A análise dos resultados tem por base a classificação da entrevista, através de uma análise de conteúdo segundo o procedimento descrito por Cigoli e Tamanza (2009). A análise de conteúdo consiste num conjunto de técnicas de análise de comunicações e pode ser aplicada a uma diversidade de textos (Bardin, 1977). Este tipo de análise pretende procurar os significados, ou seja, procurar a componente latente (Cigoli & Tamanza, 2009). O processo pode ser realizado de duas formas distintas, a partir de um modelo teórico que determine desde logo categorias e subcategorias de análise, ou o

investigador pode partir para a análise e daí retirar a necessidade de contruir categorias e subcategorias (Bardin, 1977).

Neste caso a análise de conteúdo foi feita recorrendo-se à estrutura pré-determinada do instrumento, correspondendo as categorias aos eixos da entrevista (Origens- Eixo I, Relação- Eixo II e Passagem- Eixo III) e as subcategorias a cada pergunta que compõe cada eixo. A codificação de cada categoria foi feita tendo em conta o eixo a que pertence e o número da pergunta (EI_P1), de forma a ser o mais intuitivo possível. No caso do primeiro eixo são analisadas em separado as respostas dos dois membros do casal (EI_P1_A; EI_P1_B), uma vez que o eixo se refere às origens de cada um dos membros. Por exemplo EI_P1_A, corresponde ao eixo I, pergunta 1 e resposta de A. Nos eixos seguintes (EII e EIII), as respostas são analisadas como um todo, uma vez que se refere ao casal. Por exemplo (EII_P1) corresponde ao eixo II, pergunta 1, não fazendo a distinção entre os membros do casal. A Tabela 1 permite perceber de forma mais clara a codificação através do cruzamento do eixo (categoria) com cada pergunta dando origem à subcategoria. A classificação de cada eixo corresponde à classificação feita por Cigoli e Tamanza (2009).

		Pergunta								
		1	2	3	4	5	6	7	8	9
E I X O	1	EI_P1	EI_P2		EI_P4	EI_P5	EI_P6	EI_P7		
		EI_P1_A	EI_P2_A		EI_P4_A	EI_P5.1_A	EI_P5_A	EI_P7_A		
		EI_P1_B	EI_P2_B		EI_P4_B	EI_P5.1_B	EI_P5_B	EI_P7_B		
						EI_P5.2_A				
						EI_P5.2_B				
						EI_P5.3_A				
						EI_P5.3_B				
						EI_P5.4_A				
						EI_P5.4_B				
			2	EII_P1	EII_P2	EII_P3	EII_P4	EII_P5	EII_P6	
	3	EIII_P1	EIII_P2	EIII_P3	EIII_P4	EIII_P5	EIII_P6		EII_P8.2	

Tabela 1: Codificação das Subcategorias

A primeira categoria (origens), está dividida em seis subcategorias, por cada elemento do casal. Esta categoria tem como unidade de análise cada um dos conjugues. A subcategoria EI_P1 refere-se à capacidade representacional de cada membro do casal, que inclui elementos cognitivos, afetivos, mas também lugares tradições, parentes, momentos históricos, relações sociais e gerações precedentes. A taxonomia varia entre a mentalização pobre de conteúdos e existência de afetos carentes e disfuncionais, e a mentalização rica de conteúdos e de sentimentos positivos ou ambivalentes, passando pela mentalização de conteúdos e sentimentos duvidosos, contraditórios ou idealizantes.

Na primeira subcategoria A. descreve a sua história como complicada¹ devido à doença. São abordados aspetos da sua família de origem, em relação ao pai menciona a ingestão de bebidas alcoólicas e a dificuldade da mãe em lidar com esses episódios. No que concerne aos irmãos, apesar de mencionar o número de irmãos, não aborda o tipo de relação que estabelece com eles (pode indicar falta de proximidade).

A. classifica-se como “*Falidas*”, já que apenas se refere à memória anteriormente referida, relativa à ingestão de bebidas alcoólicas por parte do pai, o que evidencia falta de capacidade representacional. No que concerne à classificação taxonómica, não é possível perceber a existência de afetos carentes e disfuncionais, pois é impossível aceder à afetividade através do pouco que é narrado, embora seja uma possibilidade. Uma vez que na classificação taxonómica prevista pelos autores não é possível dissociar a mentalização de conteúdos da existência de afetos, então a classificação taxonómica é “*Mentalização pobre de conteúdos e existência de afetos carentes e disfuncionais*”.

B. nesta subcategoria tem um discurso bastante pobre referindo a existência de 15 irmãos, embora não aborde muito a relação com os mesmos, para além disso faz apenas reforço do que A. refere², relativamente à doença. Nesta subcategoria é possível perceber o papel central da doença na vida familiar, uma vez que B. quando questionada relativamente às suas origens, remete o seu discurso para a doença de A., acabando por não fazer qualquer referência à família de origem. O casal estabelece a doença como um marco na sua história de vida, passando a contá-la a partir do seu surgimento. B. nesta subcategoria classifica-se como “*Falidas*”, evidenciando-se ausência de capacidade representacional. Tal como foi referido no caso de A., apesar de não ser possível afirmar a existência de afetos carentes e disfuncionais

¹ [...] Isto é, é a história é, é um bocado complicada. A minha é bastante que apareceu-me logo uma doença logo quando era jovem, a diabetes [...]

² “[...] começaram a aparecer os problemas e, e a doença cada vez mais começou a agravar mais”

observamos a mentalização pobre de conteúdos, assim a classificação taxonómica é “*Mentalização pobre de conteúdos e existência de afetos carentes e disfuncionais*”.

A subcategoria EI_P2, apela à descrição de momentos importantes da vida familiar, diferenciando atividades do quotidiano e rituais. Desta forma a classificação taxonómica vai desde a ausência de ritualidade até à ritualidade ativa e reconhecida.

Na subcategoria EI_P2_A evidenciam-se ritualismos familiares, determinados pelo pai, nomeadamente o rezar o terço antes de deitar, ir à catequese e à missa todos os domingos. Estas atividades eram realizadas de forma rigorosa e vistas com grande sentido de compromisso. Quanto à representatividade do pai pode evidenciar-se o papel autoritário do mesmo³. Segundo a classificação de corresponde a uma classificação “*Fecunda*”, sendo os rituais familiares cumpridos e parecendo existir uma identificação com os mesmos, visível na forma como se expressa, referindo de forma orgulhosa que era a educação que o pai lhe dava. No que concerne à classificação taxonómica classifica-se como “*Ritualidade ativa*”, uma vez que A. refere alguns rituais familiares.

No caso de B. nota-se um discurso semelhante, menciona algumas situações de vida quotidiana⁴, nomeadamente o ir à missa e à catequese. Ao contrário do que acontece com A. não é atribuído grande significado, a estas atividades não sendo por isso classificados como rituais familiares, mas como rotinas. Em relação às figuras parentais refere apenas o pai⁵. Na família de B. parece existir uma certa ritualidade no Natal e na Páscoa⁶, apesar de mencionar que eram épocas festivas em que a família se juntava, não descreve esses momentos tornando-se difícil perceber o significado que lhes atribuí, no entanto parece-nos claro que se referem a rituais, uma vez que ano após ano a família continua a reunir-se nessas épocas festivas. A classificação tipológica atribuída é “*Fecunda*”, quanto à classificação taxonómica uma vez que não é feita uma descrição completa desses momentos, ambas as classificações poderiam ser aplicadas, no entanto parece-nos mais adequado classificar como “*Ritualidade ativa*”, que corresponde à existência de alguns rituais mesmo que não lhes sejam atribuídos um significado visível.

As subcategorias EI_P3 e EII_P7 não foram aplicadas na presente entrevista por se tratarem de questões, que não se encontram adaptadas à população portuguesa. Quanto à

³ “Todos os domingos eramos obrigados a ir à missa, à catequese e à noite antes de ir para a cama tínhamos de rezar o terço, era a educação que o meu pai nos dava [...]”

⁴ “[...] à missa ao domingo íamos sempre, à catequese também, sempre [...]”

⁵ “[...]se às vezes o meu pai começasse a rezar o terço nós levantávamos às vezes para arrumar a cozinha e para lavar a loiça e o meu pai não, ninguém vai sair da mesa enquanto eu não rezar o terço[...]”

⁶ “[...]ah juntamentos havia no natal principalmente, ah a páscoa ainda agora só se não poder, senão junta-se lá muitos na casa dos meus pais ah, prontos à noite [...]”

subcategoria EI_P4 é referente à existência de regras que organizam as relações familiares, bem como às relações entre a família e o exterior. Nesta subcategoria a classificação vai desde a falta de regras ou existência de regras repressivas até à sua presença construtiva, passando pela formalidade da regra. Em ambos os casos (A. e B.) a figura de autoridade é o pai. No caso de B. é possível verificar isso mesmo⁷, sendo também referidas as difíceis condições de vida⁸, bem como o facto de ter começado a trabalhar bastante cedo⁹. Classifica-se como “*Falidas*”, relativamente à classificação taxonómica evidenciam-se “*Regras repressivas*” havendo uma intransigência quanto ao que era dito pelo pai, sem haver para tais ordens explicações plausíveis¹⁰.

A. descreve as difíceis condições de vida¹¹, existentes na época. Já no que concerne às regras afirma que estas eram ditadas pelo pai, no entanto não as menciona de forma explícita¹². Classifica-se como “*Falidas*”, e a classificação taxonómica “*Regras repressivas*”¹³, à semelhança do que acontece com B. neste caso é também visível uma intransigência quanto ao que era dito pelo pai.

A subcategoria EI_P5 permite caracterizar as relações com as origens (mãe, pai e irmãos) ao nível do sentimento que foi experienciado. A classificação está prevista entre carente/instrumental e o construtivo/expansivo, passando pelo duvidoso e contraditório.

B. (EI_P5.1_B) mantém uma relação mais próxima com a mãe (pode estar associada ao temor que sentia em relação à figura paterna, sendo esta descrita por B. como uma pessoa autoritária¹⁴) e descreve-a como confidente¹⁵. Refere também a importância dos irmãos para a sua educação¹⁶, embora não explique a contribuição dos mesmos. Pode classificar-se como “*Fecundas*”, já a classificação taxonómica é “*Construtiva/expansiva*”, uma vez que B. parece

⁷ “[...] lá era o meu pai, na minha casa era o meu pai [...] íamos para o campo e ele mandava muito e ele só só se punha encostado a mandar, nós às vezes dizíamos você só manda só manda faça também, mais vale um bom mandador do que um bom trabalhador [...] não valia a pena fazer barulho, porque se fizesse barulho levávamos e íamos na mesma.”

⁸ “[...] não tínhamos água em casa, não tínhamos água, não tínhamos máquina de lavar, não havia nada.”

⁹ “[...] eu aos 14 anos deixei a escola e fui logo trabalhar.”

¹⁰ “[...]ele mandava muito e ele só só se punha encostado a mandar, nós às vezes dizíamos você só manda só manda faça também, mais vale um bom mandador do que um bom trabalhador [...]”

¹¹ “[...]Aqui aos anos atrás, já há bastantes anos não havia água da companhia nem nada, não havia as condições que existem hoje agora, então a gente chegava a casa da escola e o meu pai era assim [...]temos que encher o tanque de água para a tua mãe, para a vossa mãe lavar a roupa, e nós tínhamos que ir ao fontanário buscar a água ao cântaro para ir encher o tanque e demorava um bocado de tempo para enche-lo e a gente ia, ele mandava e a gente tinha que fazer e era assim.

¹² “[...]É, mas quem deva as leis e as ordens em casa era o meu pai, era isso era isso quem dava as regras ali todas certinhas era ele era o pai, a mãe até não se metia muito nisso, mas o pai era que dava as regras todas.”

¹³ “[...] ele mandava a gente tinha que fazer era assim [...]”

¹⁴ “[...] ele era muito, muito autoritário [...]”

¹⁵ “[...] a gente tinha alguma coisa para contar, contava à mãe não era ao pai, nunca [...]”

¹⁶ “[...] os meus pais eram mais os meus irmãos [...]”

considerar a proximidade com a mãe uma fonte de identificação benéfica, pelo papel de confidente com a filha.

A. (EI_P5.1_A) relata com saudade a memória do “comer” da mãe¹⁷, fazendo apenas esta referência à mãe, não sendo assim possível perceber a relação entre ambos. Apesar de haver uma identificação benéfica com as refeições preparadas pela mãe, parece existir carência afetiva, tendo apenas como recordação um aspeto instrumental (refeições preparadas por ela). A classificação tipológica é “*Falidas*” e a classificação taxonómica “*Carente/instrumental*”, devido à memória referida por A. ser uma memória instrumental e ao facto deste não abordar a relação com a mãe o que nos leva a supor uma carência afetiva.

Em relação ao pai (EI_P5.2_B) apesar de o descrever como autoritário¹⁸, B. de um modo geral afirma ter uma boa relação com o mesmo¹⁹. A par disto aponta o que parece ser do seu ponto de vista qualidades do pai²⁰. Segundo os investigadores Cigoli e Tamanza (2009c) classifica-se como “*Ambivalente*”, pois apesar de referir boa relação com o pai, acaba por descrever algumas das suas “características”, nomeadamente o “não bater na mãe”, o ralhar bastante, atribuindo-lhe uma conotação de qualidades. Tendo isto em conta o discurso de B. apresenta-se duvidoso e contraditório, sendo a classificação taxonómica “*Duvidoso/contraditório*”.

A. (EI_P5.2_A) descreve o pai como uma pessoa difícil²¹, refere que o pai tinha problemas relacionados com a ingestão de bebidas alcoólicas, no entanto fá-lo de forma subtil, não lhe atribuindo uma conotação negativa²². Acrescenta também episódios de violência²³ física deste para com a sua mãe, arranjado para tais factos uma justificação²⁴. Mais uma vez não é abordada a sua relação com o pai. Classifica-se como “*Falidas*”, não havendo uma identificação de A. com a figura paterna, sobretudo à devido à violência que este exercia sobre a mãe, a classificação taxonómica é “*Carente/instrumental*”.

Quanto aos irmãos (EI_P5.3_A) A. menciona ter uma boa relação²⁵ com todos os irmãos, não apresentando episódios que o demonstrem e não referindo proximidade com

¹⁷ “[...] eu acho que tenho saudades daqueles comeres que ela fazia, daqueles comeres que ela fazia, o arroz muito cozido.”

¹⁸ “[...]ele era muito, muito autoritário [...]”

¹⁹ “[...] foi sempre muito boa [...]”

²⁰ “[...]não é fácil com aquilo, mas quer dizer, quer dizer nunca vimos mesmo com o meu pai e com a minha mãe, nunca vimos o meu pai a bater à minha mãe, nunca. Ralhar ralhava muito, mas nunca lhe bateu, nunca na vida, nunca lhe chamou assim um nome mais fora do normal, mas pronto [...]”

²¹ “[...] o meu pai era um bocado difícil de, era bastante difícil de, de o aturar [...] ele discutia muito [...]”

²² “[...] estava sempre com a canequinha do vinho ao lado dele [...]”

²³ “[...]ele se tivesse que dar uma sapatada na mãe ele dava.”

²⁴ “Naquele tempo era assim”

²⁵ “[...] eu sempre me dei bem com eles todos.”

nenhum, fazendo apenas uma abordagem geral²⁶. Considera-se a tipologia da relação “*Ambivalente*” com uma classificação taxonómica “*Duvidoso/contraditório*”, pois como referido apesar de mencionar ter uma boa relação com todos os irmãos, acaba por não demonstrar situações que o comprovem e sugerir na forma como se expressa algum problema com alguns deles, apresentando assim um discurso ambivalente e duvidoso.

Quanto à relação de B. com os irmãos (EI_P5.3_B) esta começa por fazer uma afirmação²⁷ que pode indicar complicações com alguns dos irmãos, embora acabe por afirmar que se relaciona bem com todos eles²⁸. Apesar disso, diz manter uma relação mais próxima com duas irmãs com idades mais próximas da sua, aspeto este que aponta como possível causador de maior proximidade²⁹. Enumera algumas qualidades de uma dessas irmãs, como por exemplo a generosidade. B. aborda também a morte de um dos irmãos com o qual não tinha muita proximidade³⁰. No entanto, refere que pouco tempo antes deste falecer deu-se uma aproximação entre ambos, tendo esta exercido em parte o papel de cuidadora, assegurando-lhe algumas refeições. Quanto à tipologia podemos estar perante origens “*Fecundas*” uma vez que aponta algumas características positivas da irmã ou de origem “*Ambivalente*” pela reaproximação ao irmão, pouco antes deste falecer. Ainda assim parece-nos mais correto classificar como “*Fecundas*”, apesar da morte do irmão B. sente que o ajudou nos aspetos que estavam ao seu alcance. A classificação taxonómica é “*Construtiva/expansiva*”.

Em relação à presença de outras figuras significativas (EI_P5.4_B), B. refere de forma espontânea os avós, apontando a avó paterna como a figura mais próxima, esta era vista como cuidadora³¹, havendo recordação de alguns episódios que parecem estar marcados de significado, nomeadamente quando a avó lhe oferecia bolachas³². Refere uma boa relação com todos os tios e primos, embora se perceba que é apenas uma relação superficial³³. Ainda no seu

²⁶ “[...] há um ou outro que é assim um bocado esquisito [...]mas dou-me muito bem com eles”

²⁷ “Não somos todos perfeitos [...]”

²⁸ “[...]dou-me bem com eles todos [...]”

²⁹ “[...]Uma é mais nova do que eu dois anos e outra é mais velha do que eu dois anos estamos ali as três entre as do meio, não sei se é, se ou prontos.”

³⁰ “Quando morreu este meu irmão vai fazer agora, está a fazer agora dois anos em fevereiro aquilo para nós foi como quem nos tirou um pedaço, embora com esse até não falava assim muito porque ele começou a deixar de aparecer a fechar-se assim muito, não ia à minha mãe, não ia aos meus irmãos com medo que a gente lhe começasse a dar na cabeça porque... e acabou com a vida dele porque ele quis morrer de cirrose, morreu porque ele quis pedimos-lhe muitas vezes para ele deixar o álcool [...]”

³¹ “[...] a minha avó com a minha avó paterna a gente matou-nos a fome muitas vezes, quanto mais não fosse de pão [...]e tomou muitas vezes conta de nós quando a minha mãe ia para o trabalho, ah gente chegava da escola e ela estava ali por casa prontos[...]

³² “[...] ou então bolachas ela comprava aquela bolacha maria a bulso nos cartuchos de papel chegava por fim as bolachas estavam moles mas a gente comia aquilo tudo [...]”

³³ “[...]Dou-me muito bem com os meus tios todos, ah não vou à casa deles todos não é, mas se a gente passar por eles ui eles fazem-nos logo uma festa.”

discurso refere não existirem problemas e em seguida aponta uma desavença entre o pai e uma tia paterna, que de momento já se encontra resolvida. Podemos classificar como “*Ambivalente*”, pois parece querer demonstrar proximidade em relação à família de origem dos pais, mas acaba por não relatar situações que comprovem essa proximidade. A classificação taxonómica é “*Duvidoso/contraditório*”, uma vez que ao longo da narrativa apresenta algumas contradições por exemplo quando afirma que nunca existiu qualquer conflito nas famílias de origem dos pais e posteriormente acaba por mencionar a desavença entre o pai e a tia paterna.

A. apresenta como figuras significativas (EI_P5.4_A) um casal de vizinhos³⁴, que na sua infância/juventude já tinham televisão e que deixava tanto A. como os irmãos irem para sua casa ver televisão³⁵. Visto que parece não existir identificação com as famílias de origem quer na linhagem materna, quer na linhagem paterna, tendo indicado como pessoas significativas membros não pertencentes à família, a tipologia de relação, é “*Falida*”, e a classificação taxonómica é “*Instrumental*”, não apresentando nenhuma relação de cariz emocional com as pessoas identificadas e mencionando apenas um episódio de cariz instrumental (ver televisão).

A subcategoria EI_P6, foca a atenção do casal nos casais da geração que os precede, o que permite compreender a transferência e a aprendizagem que leva à interiorização ou à recusa das vivências conjugais dos seus pais. A classificação vai desde a desvalorização até à valorização, passando pelas formas consideradas críticas da idealização, da imitação e da contradependência.

A. não se identifica com o modelo conjugal da sua família de origem referindo alguns aspetos negativos com os quais não se identifica, (o pai bater na mãe e exceder-se na ingestão de bebidas alcoólicas)³⁶. A. refere-se apenas ao pai na relação conjugal, não sendo mencionada a mãe relativamente à relação conjugal. Tal facto pode indicar que a mãe não tinha um papel importante na relação conjugal. Quanto à tipologia da relação de casal parecem existir crises entre os membros do casal de origem (derivadas da ingestão excessiva de bebidas alcoólicas por parte do pai de A.), ao mesmo tempo que parece atribuir ao pai uma característica positiva como cônjuge³⁷, o que nos remete para uma classificação tipológica “*Ambivalente*”. Contudo, o facto de não mencionar a mãe na relação de casal, e sendo as características negativas mais intensificadas parece-nos mais adequado classificar como “*Origens Falidas*”. A classificação

³⁴ “[...]temos aqui uma vizinha da casa ao lado, que tanto o homem como à mulher davam-se muito bem connosco [...]”

³⁵ “[...] íamos para casa deles e eles deixavam-nos ver televisão [...]”

³⁶ “[...]gostava da pinguinha e eu também nesse também não me agradava muito[...]”

³⁷ “[...] era muito bom homem e direitinho [...]”

taxonómica é “*Desvalorização*”, uma vez que há uma recusa das vivências conjugais dos seus pais³⁸.

B. apenas refere o pai quando questionada sobre a relação conjugal da família de origem, num discurso superficial³⁹, refere-se à mãe não com membro da relação conjugal, mas na sua função parental, e neste aspeto é possível verificar uma identificação com o modelo parental da família de origem. Esta identificação é visível ao longo da narrativa quando B. menciona que a educação que recebeu dos pais foi a mesma que transmitiu aos filhos. A tipologia de casal presente é “*Falidas*”, havendo uma “ausência” da figura materna na relação conjugal, e a classificação taxonómica é “*Desvalorização*”, uma vez que parece não atribuir grande importância à relação de casal da sua família de origem, dirigindo o seu discurso para a questão parental.

A subcategoria EI_P7 tem também como cerne a transferência generacional, neste caso entre os pais e as respetivas famílias de origem. A classificação varia entre a falta de recordações ou de recordações dolorosas até recordações construtivas, passando pelo duvidoso e contraditório.

A. refere apenas a avó paterna e um tio paterno, mas não aborda a relação que o seu pai mantinha com os mesmos. Torna-se difícil perceber alguns aspetos da família de origem do pai de A. pois não é feita uma descrição clara da mesma. No entanto refere algumas recordações de visitas do tio paterno, em que observava alguns rituais que não consegue identificar com clareza⁴⁰, mas que afirma que o seu pai não os praticava. A família de origem da mãe não é mencionada. Podemos classificar como “*Ambivalente*” sendo que este não aborda a relação entre a sua mãe e a respetiva família de origem. Quanto à classificação taxonómica apesar das recordações serem muito pobres, existe de facto uma recordação não sendo por isso possível classificar como “*Falta de recordações*”, neste sentido a classificação taxonómica é “*Duvidoso/contraditório*”, uma vez que a memória apresentada é também um pouco difusa.

Por sua vez B. apresenta as semelhanças entre os seus pais e os respetivos irmãos, sobretudo no que respeita à educação⁴¹. Faz particular referência a um tio materno, com quem a sua mãe ainda hoje mantém uma ligação, através de visitas feitas pelo mesmo. B. afirma que o tio dá muita importância à família, aspeto com o qual se identifica, descrevendo-se como uma

³⁸ “[...] eu também não podia seguir o exemplo dele [...]”

³⁹ “[...] sempre foi muito bom para a minha mãe [...]”

⁴⁰ “[...]ele quando vinha aqui visitar-nos ele trazia sempre um livro, não sei se era a bíblia se o que era e andava sempre a fazer umas rezas e não sei o quê e não sei que mais[...] e o meu pai nunca foi disso [...]”

⁴¹ “[...]a educação deles acho que era naquele coisa do meu pai, assim a educação deles, acho que era aquela coisa, tanto do meu pai como da minha mãe.”

pessoa muito ligada à família. Classifica-se como “*Fecundo*” sendo para B. as famílias de origem dos pais uma fonte de identificação benéfica, correspondendo à classificação taxonómica “*Construtivo, expansivo do laço*”, uma vez que se verifica a transmissão intergeracional do valor da família à geração seguinte.

No eixo 1, o casal é classificado como sendo de “*Origens Falidas*”. Existem identificações positivas no que diz respeito a alguns valores, contudo são mencionado outros aspetos sobretudo referentes à família de origem de A., nomeadamente ao pai, e com os quais o casal não se identifica. Para além disso a relação entre os membros do casal e os irmãos apresenta um cariz duvidoso e contraditório.

A segunda categoria (o casal) está dividida em 8 subcategorias. A subcategoria EII_P1 permite aceder à forma como a história de casal se iniciou, que pode ser por necessidade, por acaso ou algo cultivado ao longo do tempo. O encontro é descrito como uma coincidência, viram-se pela primeira vez num passeio, mas foi apenas passados dois anos que se iniciou uma aproximação entre ambos, após um segundo encontro⁴². A relação foi evoluindo gradualmente, sobretudo numa fase inicial de conhecimento do outro e só posteriormente é que a relação foi tendo maior significado. Devido a algumas circunstâncias, (deslocar-se de mota por vezes em dias chuvosos), B. ficou reticente em relação à permanência das visitas. Com o passar do tempo A. continuou a manter os encontros, o que fez com que B. depositasse esperança na relação. A tipologia de casal é classificada como “*Fecunda*”, uma vez que houve um investimento no laço que os une por parte de ambos, sendo a classificação taxonómica é “*Era o momento adequado/favorável para o encontro*”.

A subcategoria EII_P2 leva à descoberta da capacidade do casal de distinguir o encontro da formação do laço entre os dois. Corresponde à taxonomia entre a não distinção e a busca de uma identidade de casal, passando pela identidade de casal carente. Nesta subcategoria não é feita uma distinção clara entre o encontro e a formação do laço, contudo B. refere que o encontro pode ter-se tornado num laço por terem encontrado no outro o que procuravam⁴³. Assim a classificação tipológica mais adequada é “*Fecunda*” uma vez que reconhecem no outro aspetos positivos, apesar de não serem capazes de os mencionar. Neste sentido há um investimento no laço desde a fase inicial de conhecimento do casal (os primeiros três meses em que começaram a sair juntos), até à formação do laço (início do namoro). A classificação taxonómica é “Busca de identidade de casal”, (sentimento de “nós”).

⁴² “[...], houve um passeio à serra de estrela [...]e a gente conheceu-se nesse passeio [...]só passado dois anos desse passeio é que a gente se tornou a encontrar e aí aí prontos aí foi de vez aí comecei a namorar para ela [...]”

⁴³ “[...]se calhar ele viu em mim a mulher que procurava e eu se calhar vi nele o homem que procurava[...]”

A subcategoria EII_P3 é relativa ao reconhecimento das expectativas e necessidades, ligados, respetivamente ao laço e ao encontro. Varia entre a falta de reconhecimento das necessidades e expectativas do outro e o seu reconhecimento, passando pelo reconhecimento parcial. O casal tem dificuldade em explicar as suas expectativas, no entanto pelo que é narrado pelo casal existia uma consciência relativamente à importância do pacto declarado e a expectativa de serem um casal feliz⁴⁴. Corresponde a uma classificação tipológica “*Fecunda*”, havendo um investimento no laço, que levou à concretização do pacto declarado. A classificação taxonómica é “*Reconhecimento das necessidades e expectativas do outro*”, este reconhecimento este que aparece oculto no discurso dos membros do casal, para além de que ambos são capazes de se projetar no outro⁴⁵.

A subcategoria EII_P4 reporta-se à relação entre expectativa e a sua satisfação, que pode variar entre a desilusão, conseguida parcialmente e positiva. As expectativas do casal assumem um carácter pobre e generalista⁴⁶. Apesar disso ambos os membros do casal reconhecem as suas expectativas satisfeitas, assim sendo a classificação taxonómica é “*Positiva*”, e a classificação tipológica é “*Fecunda*” havendo um reconhecimento no outro o que faz pelo próprio⁴⁷.

A subcategoria EII_P5 confronta o casal com o que encontrou de novo e inesperado, abordando a diferença do outro enquanto outro, que pode levar ao ataque do laço construído, pode colocá-lo em perigo ou levar a que vivifique e se renove. O casal refere que ao longo da sua relação alguns aspetos com quais ficaram positivamente surpresos B. refere-se ao papel de A. quer como cônjuge, quer como pai e mesmo agora com a prática da grãparentalidade. Por sua vez, A. apesar de considerar que B. sempre o ajudou, tem uma maior consciência disso agora devido às dificuldades de saúde⁴⁸. Nesta subcategoria B. faz referência ao pacto declarado⁴⁹ e é possível afirmar que se dá um fortalecimento do laço, visível quer através de uma maior dedicação por parte de B. em relação ao marido, quer pelo reconhecimento deste último em relação a essa mesma dedicação. Esta dedicação e cuidado ao outro remete-nos para o intercâmbio simbólico e para as qualidades da relação, nomeadamente a esperança que representa de certo modo a positividade da vida ao longo de toda a trajetória e sobretudo em

⁴⁴ “[...]quando a gente pensou em casar, a gente sabia mesmo bem o que é que ia fazer pensamos mesmo bem e vimos mesmo que prontos fosse dar certo[...]”

⁴⁵ “[...] quando as coisas encaixam assim é porque está muito certo [...] é um para o outro[...]”

⁴⁶ “[...]eu gostava prontos muito de um homem que fosse amigo da família, trabalhador, não bêbedo, nem vagabundo[...]”

⁴⁷ “[...]não me deixava ficar sozinha em casa nunca [...]acho que era isto que eu estava à procura[...]”

⁴⁸ “[...] agora é que eu estou a dar por ela, a descobrir mais coisas que ela tem-me ajudado muito nas dificuldades que eu tenho tido, e ela, ela é que é o meu braço direito [...]”

⁴⁹ “[...]acho que a minha obrigação e o meu dever é ficar em casa a tomar conta dele. Porque eu como, como prometi em frente a deus tomar conta dele na saúde e na doença, não o deixo ficar, não largo, acabou.”

alturas críticas. Nesta subcategoria, a positividade encontra-se bem presente, uma vez que quando questionados sobre o que encontraram de novo e inesperado, o casal foca-se apenas nos aspetos positivos que encontraram no outro e que foram surgindo ao longo da relação conjugal. A classificação tipológica presente é “*Fecunda*”, uma vez que há a capacidade de um dos membros de investir no laço que os une, reconhecendo no outro o que faz pelo próprio. A classificação taxonómica é “*vivificação do vínculo*”, que parece ser transversal a todas as transições, visto que em todas elas ficaram positivamente surpresos.

A subcategoria EII_P6 aborda a(s) fase(s) difícil(s) da relação, a forma como foram enfrentadas. Varia entre a impossibilidade de enfrentar a crise, entre a existência de dificuldades relevantes que comportam risco para o laço mas onde há tentativa de resolução e fazer face às dificuldades conseguindo vislumbrar aspetos novos no laço.

O casal não aponta nenhum momento particularmente difícil relativamente à relação de casal, não tendo sido descrita nenhuma dificuldade que comportasse risco para o laço, contudo coloca-se a possibilidade das ameaças ao laço poderem não terem sido consideradas como tal, não tendo o casal consciência das mesmas, devido ao papel central da doença. A doença apresenta-se sem dúvida como a maior dificuldade a enfrentar enquanto casal. Nesta subcategoria é apresentada a história da doença⁵⁰, alterações na vida do casal⁵¹ (diminuição das atividades sociais e o facto de ambos deixarem de trabalhar) e ainda a forma como a têm enfrentado⁵². A classificação tipológica é “*Fecunda*” e a classificação taxonómica é “*Enfrentamento de dificuldades vendo aspetos novos no laço*”, nesta subcategoria são demonstradas pelo casal as dificuldades que têm enfrentado juntos relativamente à doença.

A subcategoria EII_P8 aborda o estabelecimento da relação entre os elementos do casal e as famílias de origem do cônjuge. O comentário do cônjuge que é pedido evidencia sentimentos de refutação, de distanciamento e de diferenças cruciais em relação às origens ou de acolhimento e de diferença que possa ser gerida.

B. (EII_P8.1) considera o sogro uma boa pessoa⁵³ e afirma que a sua relação com o mesmo era positiva, comparando-o constantemente com a sogra, com quem não mantinha uma

⁵⁰ “[...] Mesmo a sério, mesmo a sério, há 8 anos para... é é que prontos foi quando ele esteve em coma, teve uma pneumonia que os rins foram à vida, que começou a fazer hemodialise [...]corta aquela perna depois [...]”

⁵¹ “[...]Jeu era rancho folclórico, eu dançava, eu cantava[...]Jeu trabalhava e tive que deixar o meu emprego[...]”

⁵² “[...]não posso ser pessimista, eu até posso pensar assim “eu sei que isto vai correr mal[...] mas não posso passar para ele que eu estou a pensar que isto vai correr mal, tenho que lhe dar força e dizer que isto vai correr bem[...]”

⁵³ “[...] o pai dele era boa pessoa[...]”

relação positiva⁵⁴. Numa subcategoria anterior B. já havia abordado a relação com os sogros descrevendo a sogra como uma pessoa raivosa, que diferenciava os netos e o sogro como uma pessoa sincera.⁵⁵ Nesta subcategoria perceptível o “*Sentimento de refutação*”, ou seja, sentimento de rejeição, desqualificação, marginalização e raiva/vingança. Neste caso é possível perceber que B. rejeita algumas das atitudes da sogra, nomeadamente a diferenciação dos netos, para além disso a raiva é um dos sentimentos que surge nesta subcategoria, presente na descrição que B. faz da sogra.

No caso de A. (EII_P8.1), apesar de referir ter uma boa relação com ambos os sogros, é notória ao longo do seu discurso uma maior admiração pela sogra⁵⁶. No caso de A. poderia classificar-se como “*Reciproco*”, que significa sentimento de receção por ambas as famílias de origem e distância respeitosa da identidade/autonomia do casal. No caso de A. apesar de haver uma “preferência” pela sogra, mantém também uma boa relação com o sogro, dado que as diferenças relativas a este último parecem ser geridas. De uma forma geral e tendo em conta o que é narrado por ambos os elementos do casal a classificação parece clara “Ambivalente” com a classificação taxonómica “Desequilibrado”, visto que num caso há um sentimento de acolhimento e no outro um sentimento de frieza e obstáculo.

No que concerne à subcategoria EII_P8.2, tendo em conta o que é narrado pelo casal quando lhes é pedido para comentarem o que o parceiro acabou de dizer a propósito da família de origem do outro é possível verificar uma clara concordância com o que cada um disse. A classificação tipológica é “*Fecundo*” com uma classificação taxonómica “*Reciproco*”, uma vez que a dinâmica do diálogo indica concordância, apesar da falta de aprofundamento, pois não vão para além do que é dito pelo cônjuge.

A subcategoria EII_P9, através da visão do futuro que é pedida, permite evidenciar características do tempo presente da sua relação, traduzidas em sentimentos de confiança ou desconfiança e de esperança ou desespero relativos ao laço. A qualidade do casal traduz-se na capacidade de conseguir combater o perigo e enfrentar o que acontece. A classificação taxonómica varia entre orientação negativa, angustiado, orientação duvidosa, com medo e orientação positiva e investimento no laço.

⁵⁴ “ela uma altura se enervou-se não sei com o quê comigo, não sei quê e que disse que eu era fraca não sei o quê, não sei que mais, eu virei-me para ela e disse eu posso ser muito fraca, mas o seu filho gosta muito de mim que senão não casava comigo[...]”

⁵⁵ “[...]eu gostava muito mais dele é uma pessoa mais mais sincera não era, era uma pessoa mais dada, ela era muito raivosa e diferenciava muito os netos[...]”

⁵⁶ “é uma mulher que acompanha a, a evolução[...]”

Enquanto casal não desenvolvem de forma consciente projetos para o futuro, estando estes limitados pelas complicações de saúde de A.⁵⁷, já que necessita de acompanhamento médico quase diário, há uma descrença evidente relativamente a um futuro melhor⁵⁸. O casal acaba por não refletir de forma aprofundada sobre as dimensões conjugais mais profundas e simbólicas, embora o faça de forma genérica em algumas situações, à semelhança do que acontece ao longo de toda a entrevista, no entanto o laço não se encontra ameaçado. Através do que é narrado nesta subcategoria é possível perceber que o casal ainda que de forma inconsciente estabelece o enfrentamento da doença com um projeto futuro. Assim é possível perceber a evolução do pacto conjugal, no sentido de abdicarem de aspetos pessoais em prol do cuidar do outro (intercâmbio simbólico do casal). A classificação tipológica mais adequada é “*Fecundo*” e conseqüentemente a classificação taxonómica “*Orientação positiva, investimento e esperança no laço*”, tendo o casal a capacidade de partilhar dores, saúde e doença, ainda assim é perceptível no discurso do casal uma certa angústia derivada da limitação na elaboração de projetos futuros.

Ao nível do Eixo 2, considera-se a classificação de casal como “*Relação Fecunda*”, onde é evidente o investimento no laço e o reconhecimento no outro o que faz pelo próprio, o relacionamento do casal é baseado num compromisso com o vínculo. O casal apresenta dificuldades em expressar as suas expectativas relativas à relação conjugal, no entanto estas parecem estarem satisfeitas. Não são abordadas áreas exclusivas do casal, apesar de apresentar a capacidade de partilha das alegrias, dores, saúde e doença.

A terceira categoria (passagem generacional) é composta por 6 subcategorias. A subcategoria EIII_P1 aborda a prefiguração que o casal tinha acerca da vida familiar. A classificação taxonómica varia entre o não planeamento com imaginação generalizada e estereotipada de que a relação no presente é suficiente, presença de confiança e esperança aliado à família ou, presença de previsões divergentes com dúvidas e medos. Nesta subcategoria é visível através do que é narrado por B. a existência de planeamento da vida familiar sobretudo no que concerne à questão da parentalidade⁵⁹, uma vez que vê a natalidade com uma fonte de realização pessoal. A transição para a parentalidade acarreta alterações na vida familiar, estas parecem ter marcado de forma significativa a interação conjugal⁶⁰. A classificação taxonómica

⁵⁷ “[...] não podemos fazer planos, não podemos fazer nada[...]

⁵⁸ “[...]se não for melhor, que nunca seja pior[...]

⁵⁹ “[...]eu imaginava casar e ter logo um filho, logo e, e, as minhas coisas era ter dois filhos um casal, não queria mais, e concretizou-se o sonho[...]

⁶⁰ “[...]jao primeiro ano, nós casamos que nós casamos em maio em 85 e só fiquei grávida em maio de 86 [...]a gente naquele ano a gente estava bem, ia ao cinema todos os sábados à noite ia dar os nossos passeios ao domingo

é “*Imaginação genérica e estereotipada*” e a classificação tipológica é “*Falido*” pela dificuldade em desenvolver áreas exclusivas do casal.

A subcategoria EIII_P2 está muito ligada à subcategoria anterior, já que a projeção no futuro junta-se a capacidade de conseguir comparar com a realidade presente da vida familiar. A classificação varia entre a impossibilidade de fazer a comparação por faltar a prefiguração e entre o reconhecimento de uma relação construtiva entre o projetado e a realidade, passando pela presença de angústia e medo e pela existência de perspectivas divergentes. O casal não descreve as suas expectativas e os seus planos em relação à vida de casal, desta forma verifica-se uma ausência de comparação. No que diz respeito à parentalidade a realidade corresponde de uma forma geral ao que foi planeado, uma vez que idealizavam ter dois filhos, tal como veio a acontecer. Tendo em conta as classificações previstas pelos autores podemos classificar como “*Falido*” e a classificação taxonómica é “*Impossibilidade de fazer comparação*”, pois não existem elementos suficientes que possibilitem a comparação.

A subcategoria EIII_P3 aborda a relação intergeracional, do ponto de vista de transmissão por parte do casal. A classificação varia entre a dificuldade em reconhecer valores e modelos de vida ou a combinação de forma altamente estereotipada e entre a consciência da existência da transmissão de geração em geração. Entre estas encontra-se a dúvida na transmissão e a angústia. Neste tema mais uma vez o casal apresenta dificuldades em identificar de forma concreta⁶¹ os valores centrais que tentaram passar aos filhos, embora afirmem que esses mesmos valores foram efetivamente transmitidos⁶². A educação que foi dada aos filhos advém das famílias de origem de ambos os membros do casal. Neste ponto é abordada também a grã-parentalidade, é narrada pelo casal todas as dificuldades relacionadas com o nascimento do neto mais novo⁶³. Atualmente o casal tem três netos, dois pela parte da filha e um por parte do filho. Os netos por parte da filha residem com o casal em que estes atualmente são os principais cuidadores, uma vez que os pais se encontram a residir no estrangeiro. Mesmo antes dos pais imigrarem os netos ficavam durante a semana aos cuidados dos avós, os netos nessa altura acabaram também por imigrar e posteriormente acabaram por regressar para casa dos

de tarde[...]as noitinhas eram uma maravilha[...]a gente quando pensa ter um filho a gente não vai pensar que a vida que vai para melhor que não vai.”

⁶¹ “[...]O que eu, o que eu tentei, o que eu tentei ensinar-lhe a eles foi que se não houve ninguém, se não houver ninguém que faça queixa deles aos pais é porque eles se estão a portar bem[...]”

⁶² “[...] mas acho que consegui[...]”

⁶³ “[...]A minha filha está grávida e eu não estava a espera, que aquela criança nasça depois ainda para mais com aqueles problemas todos que foi gerando durante a gravidez que ele nasceu com bastantes problemas, mas prontos, eles até diziam que ele ia nascer com o lábiozinho rachado, não nasceu, ia nascer sem o céu da boca, isso pronto nasceu [...]Chegou aqui no sábado para passar o Natal, chegou aqui com ele no sábado, esteve aqui sábado, domingo, na segunda foi para o hospital, nunca mais entrou.”

avós maternos⁶⁴. A classificação taxonómica corresponde a “*Valores provenientes do casal parental e das linhagens*”, pois apesar de apresentarem dificuldades em reconhecerem os valores e modelos de vida, afirmam a transmissão de geração em geração, sendo a classificação tipológica “*Fecunda*”.

A subcategoria EIII_P4 está ligada à anterior, mas aborda o sentimento de eficácia ligado à transmissão. Classifica-se entre o sentimento de eficácia/impotência e o sentimento construtivo e operante perante a presença do(s) filho(s) e a sua interpretação dos valores e modelos de vida, passando pela dúvida e a atribuição ao(s) filho(s) da responsabilidade única das escolhas feitas. Existe um sentimento de eficácia ligado à transmissão como referido na categoria anterior, no entanto não é apontado pelo casal quais os recursos e os obstáculos associados à transmissão de valores. O casal refere novamente que a educação dada aos filhos é a mesma que receberam dos seus pais, no entanto consideram algumas alterações devido à evolução da sociedade, embora não as enumerem⁶⁵. Falam ainda no surgimento dos computadores quando os filhos frequentavam a escola, mas afirma que os mesmos na altura não tiveram computador, pois não tinham possibilidades⁶⁶. Classifica-se como “*Fecunda*”, uma vez que existe um sentimento por parte do casal de que os valores que pretendiam foram transmitidos, com a classificação taxonómica “*Sentimento construtivo e operante*”. A subcategoria EIII_P5 acede às origens múltiplas dos filhos e, ao mesmo tempo, à sua especificidade. A taxonomia varia entre a réplica e o reconhecimento da combinação entre as múltiplas origens e as suas especificidades, passando pela dúvida das origens dos filhos e/ou a minimização do problema. O casal aponta algumas características de ambos os filhos entre as quais características por eles herdadas⁶⁷. Classifica-se a tipologia de casal como “*Fecunda*”, uma vez que reconhecem a especificidades de ambos os filhos, com uma classificação taxonómica “*Pertença múltipla e especificidade pessoal*”.

A subcategoria EIII_P6 tem um carácter de reflexão acerca da relação familiar. A classificação varia entre sentimentos de raiva, vazio, falência e os sentimentos de sucesso em superar as dificuldades e dores vividas pela família e de que vale a pena ser vivido. Entre os

⁶⁴ “[...]para ela não pôr os meninos a pé de manhã e traze-los aqui a chover e frio eu dizia-lhe assim, deixa-los no domingo à noite e vens busca-los na sexta-feira ou no sábado, e ficava com eles durante a semana toda, de noite de dia fazia tudo como se fosse meus filhos, como estão agora, prontos, quando saíram daqui um tinha 5 aninhos e outro tinha 1 ano[...]E está a ver que, é como ela diz, que quando eles saíram daqui foi um castigo e agora que eles regressaram com esta idade que tem... foram para França a educação lá é muito diferente, totalmente diferente, são ambientes diferentes e agora é outro castigo com esta idade [...]”

⁶⁵ “[...]a educação que os nossos pais, os meus pais me deram eu tentei passa-lo para os filhos, só que é assim o tempo, o tempo modifica a gente tem que acompanhar[...]”

⁶⁶ “[...]Naquela altura era o “Magalhães”[...] mas é que os nossos nem isso tiveram[...] não tínhamos posses...”

⁶⁷ “[...]O meu filho é o pai chapado, em ideias e bem disposto, brincadeira, brincalhão [...] A rapariga é mais para o meu lado [...]mas também é assim é o que tiver a dizer diz [...]”

dois pólos encontra-se a dúvida e a confusão. O casal nesta subcategoria apresenta um carácter de reflexão da vida familiar, o que causou maior dor foi a doença⁶⁸, e o que causou maior esperança foi o nascimento dos filhos e dos netos⁶⁹. A classificação taxonómica desta subcategoria é “*Sentimento de sucesso em superar as dificuldades e dores vividas*”, visto que o casal enfrenta a doença juntos e para além disso é capaz de reconhecer aspetos que lhes trouxeram esperança, correspondendo por isso a uma classificação “*Fecunda*”.

Ao nível do Eixo 3, considera-se de “*Passagem Fecunda*”. Esta classificação coincide com a caracterização que a literatura faz, sendo um casal que transmitiu aos filhos os valores com os quais se identificam e que, em parte, vêm das famílias de origem. Embora o casal ao longo da entrevista não apresente esses valores.

Os autores preveem uma tipologia de casal global, que tem em conta os três eixos, mediante a existência de três critérios diferentes: a *Composição* – diz respeito à gama de valores encontrados nos três eixos do perfil –, a *Direção* – indica a existência ou não de perfis com transformação dentro dos eixos – e a *Intensidade da Transformação* – que se refere à distância entre os valores assumidos nos eixos. Neste casal tipologia de casal é Evolutiva, havendo uma progressão na direção de modalidades mais funcionais. No caso verifica-se que a composição é prevalente (apenas dois eixos apresentam o mesmo valor), apresenta uma direção ascendente e consequentemente intensidade de variação máxima.

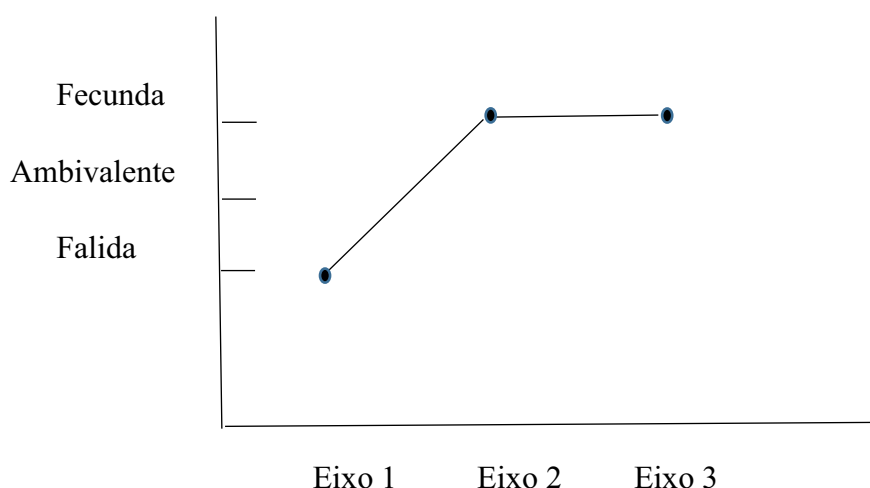


Figura 1: Figuração da tipologia Evolutiva (Cigoli & Tamanza, 2009).

⁶⁸ “[...]o que me causou maior dor foi a evolução da, da doença [...]”

⁶⁹ “[...]e esperança foi o nascimento dos filhos e o nascimento dos netos que deu-se por ela que a família que cresce que cresceu e é bom sinal, que é sinal que a família que que não vai acabar tão cedo.”

Em suma, o casal não faz projeções para o futuro, referindo como obstáculo a doença de A., embora de forma inconsciente acabem por mencionar a doença como um projeto de futuro. Neste sentido o casal menciona que apenas lhe resta viver o dia-a-dia, denotando-se a falta de esperança no futuro ao longo de toda a narrativa. Apresentam sérias dificuldades em aprofundar e refletir conjuntamente sobre o seu projeto relacional, o que dificultou a análise dos resultados da forma desejada.

Ao pacto declarado é atribuído bastante importância e mencionado ao longo da entrevista. No que concerne ao pacto secreto, o casal apresentou dificuldades em mencionar as necessidades, os valores, as ideias e expectativas, que cada membro do casal transporta da sua família de origem para a relação. No que concerne à relação conjugal parece não existir por parte do casal uma identificação com o modelo conjugal da geração anterior, sendo isto mais evidente no caso de A.. Não apontam nenhum momento particularmente significativo na relação conjugal, contudo referem a doença como o aspeto mais difícil de enfrentar enquanto casal. A doença de A. levou a alterações significativas nas rotinas familiares, sendo a mais relevante a demissão de B. para acompanhar o marido ao longo de todo este processo.

Relativamente à parentalidade, o casal mais uma vez apresenta dificuldades em mencionar os valores que transmitiram aos filhos. Contudo afirmam que foram os mesmos valores que receberam dos seus pais.

Nesta nova fase, o casal parental parece ter-se descurado do seu papel conjugal, tendo-se dado um abandono das atividades que anteriormente eram realizadas, e que mais tarde não foram retomadas possivelmente devido à doença de A. e às consequências provocadas por esta. Neste sentido, parece ter havido ausência na redefinição de papéis e conseqüentemente estagnação no crescimento conjugal. Quando os filhos são já adultos e constituem a sua família nuclear, o casal passa da generatividade parental para a generatividade social (Cigoli & Scabini, 2006; Scabini & Cigoli, 2000), o que se torna neste caso visível aquando da grã-parentalidade.

No que concerne à última transição existem efetivamente alguns aspetos que se encontram já cumpridos, nomeadamente a reforma de A. que neste caso não decorreu do envelhecimento natural, mas decorrente de um problema de saúde. Como sabemos a literatura aponta que a reforma decorrente do envelhecimento acarreta alguns aspetos positivos como é o caso do aumento de tempo disponível, podendo assim dedicar-se à prática de atividades de lazer gratificantes (Scabini & Cigoli, 2000; Walsh, 2012), neste caso uma vez que a reforma não é decorrente do envelhecimento mas de uma condição de saúde grave, estes aspetos acabam por ser inexistentes. O tempo agora disponível é dedicado aos tratamentos quase diários. A reforma antecipada de A. por invalidez e a demissão de B. para cuidar do marido limitam a questão

financeira do casal. Por fim é importante não esquecer de mencionar as limitações físicas de A. que dificultam as deslocações, para além de que as deslocações de casa implicam o conhecimento de centros de diálise, a disponibilidade e a informação aos mesmos.

Conclusão

O casal é proveniente de famílias de origem numerosas e tradicionais, em ambos os casos o pai apresenta-se como a figura central da família, sendo portanto a figura de autoridade. No caso da família de origem de A., a mãe raramente é mencionada por este ao longo de todo o processo de recolha de dados, o que nos leva a considerar a possibilidade de ausência de relação afetiva com a mesma. Por outro lado pode também estar associado à relação conflituosa existente entre B. e a sua mãe. Em relação ao pai, A. apesar de o mencionar aponta-lhe mais aspetos negativos do que positivos, como é o caso da ingestão excessiva de bebidas alcoólicas embora o faça de uma forma subtil, possivelmente numa tentativa de minimizar o problema. Por fim em relação aos irmãos denota-se que não apresenta relações de proximidade com os mesmos, estando possivelmente ocultada uma crise. B. apresenta maior proximidade com a figura materna, a quem atribui com bastante satisfação várias características positivas. Relativamente aos irmãos parece manter uma relação mais próxima com duas das irmãs, estas que atualmente ajudam o casal a nível financeiro.

O casal neste momento apresenta-se como os principais cuidadores de dois dos seus netos, que no fundo é a continuação do papel parental, estes cuidados estão presentes praticamente desde sempre na vida dos mesmos. Os netos são referidos pelo casal como elementos significativos no que respeita à companhia que lhes proporcionam. A relação avós-netos, parece estar mascarada pelo impacto que a doença tem na vida familiar deste casal. A grã-parentalidade apesar de não ser um aspeto questionado na entrevista, é abordado pelo casal, ainda que de forma superficial. Apesar disso os netos têm um papel importante na vida dos mesmos, sendo estes os principais cuidadores de dois dos seus netos. É importante ressaltar que este é um estudo piloto, através do qual não foi possível aceder a essa relação intergeracional avós-netos com a profundidade desejada, no entanto acreditamos que utilizando este mesmo instrumento em estudos futuros será possível ter acesso a essa informação.

A entrevista clínica generacional foca-se nos intercâmbios generacionais em diversas situações de vida do casal, e nesse sentido foi utilizado este instrumento para aceder à relação e às dinâmicas de casal na presença de doença. Nesta investigação em particular foram muito poucos os dados obtidos relativamente a essa temática, no entanto conseguimos perceber que a doença é um aspeto central na vida do casal influenciando assim a sua dinâmica.

Este trabalho apresenta algumas limitações nomeadamente um discurso pobre e generalista por parte do casal, o que dificulta a compreensão das relações entre os membros da família. Esta é a limitação central uma vez que este estudo assenta no paradigma relacional

simbólico, que defende que estudar a família significa estudar as relações que decorrem entre os seus membros. Outro dos aspetos que poderá ter influenciado o discurso dos participantes prende-se com o facto de a entrevista ser gravada, já que os próprios o apontam como fator influenciador numa fase de encerramento da entrevista.

Por outro lado a entrevista possibilita ao conjugue poder intervir, completar, comentar ou até mesmo contradizer, o que é dito pelo outro, permitindo assim que a narrativa vá para além de um autorrelato e que o investigador possa aprofundar a realidade familiar.

Outra das vantagens da entrevista é a de provocar o diálogo, uma vez que cada um dos conjugues é conduzido a fazer uma reflexão crítica relativa à sua relação e ao modo como foi construída, através de algumas questões que integram o instrumento. Este foi precisamente um dos pontos abordados pelo casal, na fase de encerramento em que o casal reconheceu que a entrevista assentou em questões que na sua maioria não são abordadas pelos mesmos, nomeadamente sobre a relação conjugal, a relação com a família de origem do conjugue e a relação com os netos. A ausência de reflexão e diálogo sobre estas temáticas por parte do casal, poderá estar relacionado com o discurso desorganizado e generalista que mantiveram ao longo da entrevista.

Referências Bibliográficas

- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family identity: Ties, symbols, and transitions*. Londres: Lawrence Erlbaum.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009). Generatività. In V. Cigoli & G. Tamanza (Eds.), *L'intervista clinica generazionale* (pp. 45-84). Milão: Raffaello Cortina Editore.
- Cigoli, V. (1992). *Il corpo Familiare: L'anziano, la malattia, l'intreccio generazionale*. Italy.
- Cigoli, V. (2006). *L'albero della discendenza. Clinica dei corpi familiari*. Milão: Franco Angeli.
- Creasey, G. L. & Kaliher, G. (1994). Age differences in grandchildren's perceptions of relations with grandparents. *Journal of Adolescence*, 17(5), 411–426.
- Danielsbacka, M. & Tanskanen, A. O. (2012). Adolescent grandchildren's perceptions of grandparents' involvement in UK: an interpretation from life course and evolutionary theory perspective. *European Journal of Ageing*, 9(4), 329–341.
- Dias, C. & Silva, M. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8 (Special Issue), 55–62.
- Gambini, P. (2007). *Psicologia della famiglia. L'approccio sistemico-relazionale* Milano: Franco Angeli.
- Kennedy, G. E. (1992). Shared activities of grandparents and grandchildren. *Psychological Reports*, 70(1), 211–227.
- Kipper, C. D. R. & Lopes, R. S. (2006). O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 1: 029-034.
- Kornhaber, A. (1996). *Contemporary grandparenting*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, Inc.
- Kotre, J.(1996). *Outliving the self: How we live on in future generations*. Nova Iorque: WW Norton & Company Incorporated.
- Lanz, M. & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão: Edizione Universitarie di Lettere Economia Diritto.
- Pincus, L. & Dare, C. (1987). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas

- Raguso, F. (2010). Da generatividade parental à abertura dos jovens para a generatividade. In M. Gonçalves, C. B. Morais, & J. M. M. Lopes (Eds.), *Sexualidade e Educação para a Felicidade* (pp. 119–128). Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010a). "Intervista Clínica Generazionale - *The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in 121 Portugal.*", Trabalho apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", In Book of Abstracts presented at the 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition.", Milão.
- Raguso, F., Peixoto, R., Gonçalves, A. & Trigueiros, L. (2010b). "*Intervista Clínica Generazionale - The Preliminary Results from the Adaptation with Couples in Portugal.*" Poster apresentado em 5th Congress of the European Society on Family Relations "Family Transitions and Families in Transition", Milão.
- Ross, N., Hill, M., Sweeting, H., & Cunningham-Burley, S. (2005). *Grandparents and teen grandchildren* (Relatório RES-000-22-0402).
- Sanders, G. F. & Trygstad, D. W. (1993). Strengths in the grandparent grandchild relationship. *Activities, Adaptation & Aging*, 17(4), 43–53.
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2000). *Il familiare. Legami, simboli e transizioni*. Milão: Raffaello Cortina Editore
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2014). *La identidade relacional de la familia*. Biblioteca de autores cristianos.
- Scabini, E., & Iafrate R. (2003). *Psicologia dei legami familiari, Bolonha, Itália: Il Mulino*.
- Taylor, A. C., Robila, M., & Lee, H. S. (2005). Distance, contact and intergenerational relationships: grandparents and adult grandchildren from an international perspective. *Journal of Adult Development*, 12(1), 33–41.
- Triadó, C. & Villar, E. (2000). El rol de abuelo: cómo perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. *Revista Española de Geriatria y Gerontología*, 35(S2), 30–36.

- Viguer, P., Meléndez, J. C., Valencia, S., Cantero, M. J., & Navarro, E. (2010). Grandparent-Grandchild Relationships from the Children's Perspective: Shared Activities and Socialization Styles. *The Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 708–717.
- Wise, R. (2010). Intergenerational relationship characteristics and grandchildren's perceptions of grandparent goal influence. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(1), 54–68.

Anexos

Entrevista clínica geracional (tradução)

Eixo das origens (A)

Abertura

Estão a participar numa investigação que estuda as vicissitudes generacionais que são comuns a todas as famílias. Para este fim ser-vos-ão colocadas algumas questões. Podemos fazer alguns intervalos que a tarefa não se torne demasiado pesada.

No final pedir-vos-ei um comentário sobre a entrevista e sobre como se sentiram na relação comigo. Os resultados serão usados para promover nos psicólogos clínicos e sociais a sensibilidade e a compreensão sobre as famílias e as histórias de vida das famílias. Se tiverem alguma questão podem fazê-la à vontade.

Warming-up

Em primeiro lugar, gostaria que se concentrassem, que mergulhassem nas vossas origens ou seja, no ambiente de vida, nos lugares, nos momentos históricos, nas tradições, nas relações familiares, como se voltassem atrás no tempo.

Poderão surgir cenários e imagens na mente de cada um. Gostaria que os focassem. Permitam-se a ficar algum tempo nesta imersão; podem fechar os olhos se quiserem.

(O entrevistador coloca as questões aos dois membros do casal)

1 – Agora gostaria que cada um de vocês me mostrasse a sua história. Quem quer começar?

2 - *Pensando na sua família, quais eram os momentos mais importantes da vida familiar? Mergulhem novamente, seja em situações da vida quotidiana, seja em momentos particularmente significativos da vida familiar. O que acontecia?*

4 - *Quais eram as regras de ouro utilizadas para organizar as relações entre os membros da família e entre a família e o exterior? Quem as ditava e de que forma?*

5 - *Poderiam relatar algumas memórias de infância sobre:*

5.1 - *a sua relação com a sua mãe*

5.2 - *a sua relação com o seu pai*

5.3 - *a relação entre irmãos (se não tiverem, considerem as relações com primos ou amigos)*

5.4 - *a sua relação com outras figuras particularmente significativas.*

6 - *O que aprenderam sobre as relações de casal e sobre a vida de casal com a família de origem? Encontraram "regras de ouro" também a este respeito? Poderiam dar um exemplo da relação entre os vossos pais através de uma ou duas recordações?*

7, *Recorrendo às vossas recordações poderiam dizer-me alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as respectivas famílias de origem? Que acontecia?*

Eixo do casal (B)

Neste ponto o entrevistador dirige-se aos membros do casal e deixa-os falar.

1 - *Como é que se conheceram?*

2 - *O que fez com que se terem encontrado se tornasse num laço?*

3 - *O que pensam ter casado no outro?*

4 - *Encontraram um no outro o que estavam à procura?*

5 – *O que descobriram de novo no outro?*

6 - *Houve algum momento particularmente difícil na vossa relação? Como o enfrentaram?*

8.1 - *Agora gostaríamos que falassem sobre o vosso encontro com as respectivas famílias de origem. Podem representar esse encontro através de episódios da vossa vida quotidiana, ou com metáforas ou imagens.*

8.2 - *Comentem reciprocamente aquilo que o parceiro acabou de dizer a propósito do seu encontro com a vossa família de origem.*

9 - *Como vêem o vosso futuro de casal?*

A Transição generacional (C)

(Novamente o entrevistador dirige-se a ambos os parceiros e deixa-os falar.)

1 - *Antes de começarem a vossa vida em conjunto, como imaginavam a vida familiar? Podem dar alguns exemplos de como imaginavam?*

2 - *Na realidade da vossa vida quotidiana, que imagens se realizaram e que imagens não se realizaram? Que aconteceu conforme imaginaram e que aconteceu de forma diferente?*

3.1 – *O que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida?*

3.2 - *Tem alguma relação também com o que receberam dos vossos pais?*

4 - *Pensam ter conseguido passar esses valores e modelos de vida?*

Que poderia sido um obstáculo?

Que poderia ter sido um recurso?

5 - Pensem nos vossos filhos (no caso de ser mais que um). A quem saíram e o que têm de específico deles mesmos?

6 - O que causou maior dor e o que deu maior confiança e esperança na vida familiar?

Encerramento

Juntamente com os meus agradecimentos pela vossa participação, gostaria que expressassem os vossos pensamentos sobre a entrevista. O que vos tocou mais em termos positivos e negativos? Como se sentiram em relação à minha presença? Gostariam de fazer quaisquer sugestões?

EI_P 1_A	<p>AEI1.1-História de vida complexa AEI1.2-aparecimento precoce da diabetes AEI1.3-estabilização da diabetes AEI1.4 surgimento de problemas</p>
EI_P 1_B	<p>BEI1.1-surgimento de problemas BEI1.2 Agravamento da doença</p>
EI_P 2_A	<p>AEI2.1-Numero de irmãos (9) AEI2.2-a mãe nunca trabalhou AEI2.3- Cuidado aos filhos AEI2.4-casa de pequena dimensão AEI2.5-saída de alguns filhos da casa dos pais e nascimento de outros AEI2.6-Condições precárias AEI2.7- vida difícil AEI2.8- descreve o pai como uma pessoa difícil AEI2.9- dificuldade de mãe de A com pai de A AEI2.10-ingestão de bebidas alcoólicas por parte do pai AEI2.11-o convívio com a família era ao domingo AEI2.12-refeições melhores ao domingo AEI2.13- saída dos filhos mais velhos da casa dos pais AEI2.14- obrigação de ir à missa e à catequese AEI2.15-Rezar o terço antes de ir para a cama AEI2.16-Educação que recebeu do pai AEI2.17-Perda do costume de rezar o terço</p>
EI_P 2_B	<p>BEI2.1- Numero de irmãos (15) BEI2.2-vida difícil BEI2.3- ausência de problemas graves na família BEI2.4- descreve a sua infância como razoável BEI2.5- frequentava a escola embora não gostasse BEI2.6- frequentava todos os domingos a missa e a catequese BEI2.7-os momentos mais importantes da vida familiar eram no natal e na páscoa BEI2.8- o almoço não chegava para todos BEI2.9-a arrumação da cozinha era aleatória entre todas as irmãs. BEI2.10- pais com idade avançada</p>
EI_P 4_B	<p>BEI4.1-quem ditava as regras era o pai BEI4.2- descreve o pai como uma pessoa inflexível BEI4.3-dificuldade para saírem de casa BEI4.4-descreve o irmão mais velho como uma pessoa influenciável. BEI4.5-descreve o pai como uma pessoa autoritária BEI4.6- a mãe sempre trabalhou, inicialmente em casa a tomar conta dos filhos e posteriormente fora de casa. BEI4.7- As irmãs tomavam conta umas das outras.</p>

	<p>BEI4.8- aos 14 anos deixou a escola e foi trabalhar</p> <p>BEI4.9- Ausência de água canalizada em casa</p> <p>BEI4.10- Não havia máquina de lavar</p> <p>BEI4.11-o pai só instalou água e comprou máquinas no ano em que B casou</p> <p>BEI4.12- Afirma que ela e uma irmã eram as “escravas” e que iam para o tanque quer fosse verão ou inverno ()</p> <p>BEI4.13- ao domingo era dia de lavar a roupa, depois de chegarem da missa e quando terminasse tinham de a estender.</p> <p>BEI4.14- tinham de ir buscar água para a mãe ao domingo à noite fazer o jantar</p> <p>BEI4.15-só podiam ir namorar quando todas as tarefas estivessem terminadas</p> <p>BEI4.16-Não se queixa da vida que levou</p> <p>BEI4.17-deslocava-se todos os dias a pé entre casa e o trabalho</p> <p>BEI4.18-quando chegava do trabalho ia trabalhar para o campo ou lavar roupa.</p> <p>BEI4.19- regressava a casa por volta das 21:30h</p> <p>BEI4.20-não adiantava contestar</p>
EI_P 4_A	<p>AEI4.1-Há bastantes anos atrás não existia água canalizada.</p> <p>AEI4.2- menores condições de vida que as atuais.</p> <p>AEI4.3- quando chegavam da escola tinham de encher o tanque de água, ao cântaro para a mãe lavar a roupa</p> <p>AEI4.4-obedeciam às ordens do pai</p> <p>AEI4.5- quem ditava as ordens regras era o pai</p> <p>AEI4.6- a mãe não interferia nas regras</p>
EI_P 5.1_B	<p>BEI5.1.1-Relação muito positiva com a mãe</p> <p>BEI5.1.2-afirma gostar muito do pai</p> <p>BEI5.1.3-a mãe era a confidente</p> <p>BEI5.1.4- não refere aspetos negativos relativamente à mãe.</p> <p>BEI5.1.5- afirma que as irmãs também tiveram uma boa relação com os pais.</p> <p>BEI5.1.6-relação mais próxima com a mãe</p>
EI_P 5.1_A	<p>AEI5.1.1- Tem saudades do comer que a mãe fazia</p>
EI_P 5.2_B	<p>BEI5.2.1- Descreve o pai como autoritário</p> <p>BEI5.2.2- seguia as regras do pai</p> <p>BEI5.2.3-descreve a relação com o pai como boa</p> <p>BEI5.2.4- refere que nunca viram o pai a bater à mãe apesar de discutir com ela</p> <p>BEI5.2.5- Refere que o pai nunca chamou nomes fora do normal à mãe</p> <p>BEI5.2.6- visita os pais aos domingos à tarde</p> <p>BEI5.2.7-refere dificuldades em conversar com o pai, afirmando que este confunde muito as coisas</p> <p>BEI5.2.8- Apesar do que refere, afirma saber lidar com o pai.</p> <p>BEI5.2.9- Gostava mais do sogro do que da sogra.</p> <p>BEI5.2.10- Descreve o sogro como uma pessoa mais sincera e mais dada.</p> <p>BEI5.2.11- descreve a sogra como uma pessoa muito raivosa.</p> <p>BEI5.2.12- afirma que a sogra diferenciava os netos, os seus filhos dos filhos da sua cunhada.</p> <p>BEI5.2.13- O sogro era mais doente do que a sogra</p> <p>BEI5.2.14- por vezes ao sábado a sogra ia vender loiça</p> <p>BEI5.2.15- às vezes fazia o comer para o sogro ao sábado</p> <p>BEI5.2.16-conviveu com o sogro quase 20 anos.</p>

EI_P 5.2_ A	<p>AEI5.2.1-O pai ficou reformado aos 36 anos</p> <p>AEI5.2.2- depois de reformado o pai começou a trabalhar em casa era sapateiro.</p> <p>AEI5.2.3- a mãe nunca trabalhou fora de casa.</p> <p>AEI5.2.4-Descreve o pai como uma pessoa difícil.</p> <p>AEI5.2.5- o pai bebia enquanto trabalhava.</p> <p>AEI5.2.6- discutia com as crianças, quando lhe mexiam nas coisas</p> <p>AEI5.2.7-o pai batia na mãe</p>
EI_P 5.3_ A	<p>AEI5.3.1- Refere que sempre teve uma relação muito boa com os irmãos.</p>
EI_P 5.3_ B	<p>BEI5.3.1- Refere a morte de um irmão.</p> <p>BEI5.3.2- refere ter um bom relacionamento com todos os irmãos.</p> <p>BEI5.3.3- refere ter alguns irmãos no estrangeiro.</p> <p>BEI5.3.4- refere ter mais afinidade com uns do que com outros.</p> <p>BEI5.3.5-tem maior afinidade com as duas irmãs que são mais próximas de si em termos de idade.</p> <p>BEI5.3.6- refere que as irmãs com quem tem maior afinidade estão no estrangeiro.</p> <p>BEI5.3.7- refere que uma das irmãs com quem tem maior afinidade é que está neste momento a pagar o infantário do seu neto mais novo.</p> <p>BEI5.3.8-Refere ter 8 irmãs.</p> <p>BEI5.3.9-Chegou a trabalhar para a irmã mais velha.</p> <p>BEI5.3.10-descreve a irmã mais velha como uma pessoa muito dada e preocupada com a família.</p> <p>BEI5.3.11- o falecimento do irmão foi doloroso.</p> <p>BEI5.3.12-fala do isolamento do irmão.</p> <p>BEI5.3.13-o irmão morreu de cirrose.</p> <p>BEI5.2.14- pedido ao irmão para que deixasse o álcool.</p> <p>BEI5.3.15-aproximação ao irmão pouco antes de este falecer.</p> <p>BEI5.3.16- lamenta a morte do irmão.</p> <p>BEI5.3.17- refere que os irmãos são muito unidos.</p> <p>BEI5.3.18- bom relacionamento com os cunhados</p> <p>BEI5.3.19- refere ter um cunhado que é doente.</p> <p>BEI5.3.20- Refere ter um bom relacionamento com a cunhada e com os sobrinhos que são também seus vizinhos.</p>
EI_P 5.4_ B	<p>BEI5.4.1- Refere os avós como pessoas significativas.</p> <p>BEI5.4.2- Refere ter conhecido as avós de ambas as linhagens.</p> <p>BEI5.4.3- O avô paterno faleceu quando B era ainda criança.</p> <p>BEI5.4.4-A avó paterna saciou-lhe a fome muitas vezes.</p> <p>BEI5.4.5- O pão não chegava para alimentar toda a família.</p> <p>BEI5.4.6- a avó oferecia pão e bolachas.</p> <p>BEI5.4.7- a avó como cuidadora</p> <p>BEI5.4.8- refere que os avós maternos eram mais afastados.</p> <p>BEI5.4.9- descreve a avó materna como uma pessoa raivosa.</p> <p>BEI5.4.10- a avó materna não gostava que os netos lhe tocassem nas flores.</p> <p>BEI5.4.11- descreve o avô paterno como boa pessoa.</p> <p>BEI5.4.12- o avô paterno era convidado para os aniversários e na páscoa.</p> <p>BEI5.4.13- O avô paterno “leva sempre alguma coisa”.</p> <p>BEI5.4.14- refere ter passado a noite com a avó materna, quando esta faleceu.</p> <p>BEI5.4.15-Os seus padrinhos eram os avós paternos.</p>

	<p>BEI5.4.16- Refere que a avó materna não gostava muito dela.</p> <p>BEI5.4.17-Quando a avó materna faleceu tinha 21 anos.</p> <p>BEI5.4.18- refere ter um bom relacionamento com os tios de ambas as linhagens.</p> <p>BEI5.4.19- Refere ter primos com quem tem uma relação mais próxima do que outros, devido às diferenças de idade.</p> <p>BEI5.4.20-desavença entre o pai e uma tia, por causa das partilhas.</p> <p>BEI5.4.21- Após a desavença ficaram sem falar.</p> <p>BEI5.4.22-o pai e a tia retomaram a relação, após o pai ter um acidente grave.</p>
EI_P 5.4_A	<p>AEI5.4.1-refere ter conhecido apenas a avó paterna.</p> <p>AEI5.4.2- refere um casal de vizinhos como pessoas significativas.</p> <p>AEI5.4.3- Iam para a casa de uma vizinha ver televisão.</p> <p>AEI5.4.4- o pai de A justificava não comprar a televisão por ser prejudicial para a sua visão.</p>
EI_P 6_A	<p>AEI 6.1- Refere não ter seguido o exemplo do pai por não o aprovar.</p> <p>AEI6.2- refere que o pai batia na mãe.</p> <p>AEI6.3- Refere que também não podia seguir o exemplo do pai, uma vez que este bebia álcool e isso não o agradava.</p> <p>AEI6.4- Descreve o pai como um bom homem.</p> <p>AEI6.5-a educação que está a dar aos netos é a educação que deu aos filhos</p> <p>AEI6.6- a educação que dão à geração dos filhos e dos netos é a educação que receberam dos pais.</p>
EI_P 6_B	<p>BEI6.1-refere que o sogro batia na sogra.</p> <p>BEI6.2- Refere que o seu pai sempre foi bom para a sua mãe.</p> <p>BEI6.3- nunca os deixou passar fome.</p> <p>BEI6.4- o pai sempre trabalhou</p> <p>BEI6.5-o pai sempre lhes deu educação.</p> <p>BEI6.6- “ a mãe dava mais às raparigas e o pai dava mais aos rapazes”</p> <p>BEI6.7- refere ter seguido o exemplo dos pais.</p> <p>BEI6.8- transmitir aos filhos o que aprendeu da mãe.</p> <p>BEI6.9- afirma que os filhos até saírem de casa tiveram sempre um comportamento exemplar.</p> <p>BEI6.10- os seus pais nunca ficaram desiludidos com os seus filhos.</p> <p>BEI6.11- está a tentar dar a mesma educação aos netos.</p>
EI_P 7_B	<p>BEI7.1- refere que o sogro só tinha um irmão</p> <p>BEI7.2-O sogro frequentava a missa.</p> <p>BEI7.3-refere que os seus tios paternos eram muito parecidos com o seu pai.</p> <p>BEI7.4-os dois tios paternos já faleceram.</p> <p>BEI7.5- O seu pai é o mais velho dos irmãos.</p> <p>BEI7.6-fala da educação dos pais.</p> <p>BEI7.7- compara os tios aos seus pais.</p> <p>BEI7.8-refere que os tios são pessoas simples, educados e de missa.</p> <p>BEI7.9-Conhece bem a família de origem dos pais.</p> <p>BEI7.10-Um irmão da mãe visita-a com regularidade, uma vez que dá bastante importância à família.</p> <p>BEI7.11- refere que dá bastante importância à família.</p>

EI_P 7_A	<p>AEI7.1- Refere que o pai só tinha um irmão.</p> <p>AEI7.2- a avó paterna morava com o outro filho</p> <p>AEI7.3- não sabe qual era a educação que a avó dava ao tio.</p> <p>AEI7.4- descreve o tio como bastante diferente do pai.</p>
EII_P1	<p>AEII1.1- Conheceram-se num passeio à serra da estrela.</p> <p>AEII1.2-voltaram a encontrar-se dois anos após o passeio</p> <p>AEII1.3- começaram a namorar após se terem encontrado pela segunda vez.</p> <p>AEII1.4-casaram.</p> <p>BEII1.1- Confirma que começaram a namorar dois anos após se terem encontrado pela primeira vez.</p> <p>BEII1.2- conta como se encontraram pela segunda vez</p> <p>BEII1.3- refere que ninguém sabia que podiam vir a namorar.</p> <p>BEII1.4- na segunda vez que se encontraram ao anoitecer B despediu-se de A</p> <p>BEII1.5-marcaram o próximo encontro.</p> <p>BEII1.6-recordação do momento</p> <p>BEII1.7-recordar-se de o marido lhe ter dito que a gostava de ver de novo.</p> <p>BEII1.8-Refere que não fazia grandes planos para sair.</p> <p>BEII1.9- Quando se encontraram pela segunda vez era inverno (novembro)</p> <p>BEII1.10-na altura A não tinha carro, e para se encontrar com A ia de mota.</p> <p>BEII1.11-na altura B pensou que o que estava a acontecer era apenas uma aventura</p> <p>BEII1.12-decidiu não se “entregar” logo no início.</p> <p>BEII1.13-num período de três meses foram apenas amigos</p> <p>BEII1.14-Nesses três meses não houve qualquer contacto íntimo.</p> <p>BEII1.15- Depois de três meses A oferece uma pulseira de prata a B.</p> <p>BEII1.16-Acerditou que a relação podia ter futuro.</p> <p>BEII1.17- Pensaram em casar ao final de um ano.</p> <p>BEII1.18- tinham 21 anos quando pensaram em casar.</p> <p>AEII1.5-namoravam há um ano e seis meses.</p> <p>BEII1.19-trataram do casamento em seis meses.</p> <p>BEII1.20-Casaram em maio.</p> <p>BEII1.21-agradece a deus</p>
EII_P2	<p>BEII2.1- Pensa que o marido posso ter visto nela a mulher que procurava</p> <p>BEII2.2-considera que viu em A o homem que procurava.</p> <p>AEII2.1-“dei logo por ela que ela era a minha cara-metade”</p> <p>AEII2.2- refere ter pensado na esposa entre o primeiro e o segundo encontro.</p> <p>AEII2.3-Ao segundo encontro decidiu-se.</p>
EII_P3	<p>AEII3.1-Refere quer considerado A uma rapariga simpática e divertida.</p> <p>AEII3.2- “ se as coisas encaixam assim é porque está muito certo”.</p> <p>BEII3.1- “ o casamento sempre correu muito bem”</p> <p>BEII3.2- quando pensaram em casar tinham consciência do passo que iam dar.</p> <p>BEII3.3-Refere que quando namorava e A ao deslocar-se a casa de B se molhava, secava as calças à lareira na casa dos seus pais.</p> <p>AEII3.3- confirma o que B refere.</p>
EII_P4	<p>BEII4.1-“procurava um homem que fosse amigo da família</p> <p>BEII4.2-procurava um homem trabalhador, não bêbedo, nem vagabundo</p> <p>BEII4.3-Via em A o que procurava.</p> <p>BEII4.4-refere que A sempre trabalhou.</p> <p>BEII4.5-refere que o marido atualmente não trabalha porque não pode.</p>

	<p>BEII4.6-“nunca foi de ir para os cafés”.</p> <p>BEII4.7- refere que o marido nunca a deixou ficar sozinha em casa para se ir divertir.</p> <p>AEII4.1-“aquilo foi amor à primeira vista”</p> <p>AEII4.2- “ parece que o amor não tinha passado”</p>
EII_ P5	<p>BEII5.1-“sempre foi um bom marido”</p> <p>BEII5.2-semre foi um bom pai”</p> <p>BEII5.3-“nunca falhou com nada em casa”</p> <p>BEII5.4-“sempre trabalhou”</p> <p>BEII5.5- “agora para os netos ele é tudo”</p> <p>BEII5.6-afirma não esperar mais nada do marido.</p> <p>BEII5.7-“até agora ainda esperava que ele ganhasse um bocadito, que trabalhasse”</p> <p>AEII5.1-refere que a esposa sempre o ajudou.</p> <p>AEII5.2-a esposa sempre trabalhou.</p> <p>AEII5.3-refere que a esposa o tem ajudado, sobretudo nas dificuldades derivadas da doença.</p> <p>AEII5.4-“ela é o meu braço direito”</p> <p>BEII5.8-desempregou-se para cuidar do marido.</p> <p>BEII5.9-refere que tinha um ordenado razoável.</p> <p>BEII5.10-“não o deixo ficar”</p> <p>BE3II5.11- “ a minha obrigação e o meu dever é ficar em casa a tomar conta dele”</p> <p>BEII5.12-“prometi em frente a deus tomar conta dele na saúde e na doença”</p> <p>BEII5.13-“ele é doente”</p> <p>BEII5.14-não estou a pensar em chegar a rica”</p>
EII_ P6	<p>BEII6.1-aponta a doença do marido como bastante difícil.</p> <p>BEII6.2-não aponta momentos particularmente difíceis entre casal.</p> <p>BEII6.3-“ um casal que não é ralhado não é governado...a minha mãe já dizia isto”</p> <p>BEII6.4-não refere problemas graves na relação de casal</p> <p>BEII6.5-o motivo das discussões antes eram os filhos agora são os netos.</p> <p>BEII6.6-“quando casou já era doente”</p> <p>BEII6.7-quando engravidou teve que fazer exames para saber se os filhos tinham problemas de saúde.</p> <p>BEII6.8- foi operado três vezes às vistas.</p> <p>BEII6.9- “a idade avança, a doença também”</p> <p>BEII6.10-acompanhamento médico</p> <p>BEII6.11 operação a uma hérnia</p> <p>BEII6.12-Após ter estado três anos de baixa devido à hérnia, ficou desempregado.</p> <p>BEII6.13- teve uma pneumonia</p> <p>BEII6.14- falta de esperança que a saúde melhorasse.</p> <p>AEII6.1-grande alteração na vida de A após surgimento das doenças.</p> <p>BEII6.15-alteração na vida de A desde os 30 anos.</p> <p>AEII6.2-“era um individuo que não parava”</p> <p>BEII6.16-“ele era escuteiro”</p> <p>AEII6.3-“eu era rancho folclórico, eu dançava, eu cantava”</p> <p>AEII6.4-“Má circulação”</p> <p>AEII6.5- amputação da perna</p> <p>BEII6.17-agravamento da doença após ter sido operado às vistas.</p> <p>BEII6.18- “uns anos melhores do que outros”</p> <p>BEII6.19-“tu já não trabalhas à 14 anos”</p> <p>AEII6.6-percepção das dificuldades derivadas da doença.</p>

	<p>BEII6.20-há 8 anos esteve em coma. BEII6.21-“teve uma pneumonia que os rins foram à vida” BEII6.22-“começou a fazer hemodialise” BEII6.23-“já não tem cura” BEII6.24-idas frequentes às urgências BEII6.25- “agora é cada vez pior” BEII6.26-refere que deus lhe tem dado muita saúde e força. BEII6.27- “faço tudo o que posso”. BEII6.28- Fala na doença do cunhado e na falta de apoio por parte da esposa e dos filhos. BEII6.29- “tinha ido” AEII6.7- refere que era uma pessoa dinâmica e que exercia várias atividades (desporto) BEII6.30- “não estava dependente de ninguém” AEII6.8- “apanhei aquela pneumonia há 8 anos” BEII6.31- Agravamento da situação AEII6.9- “a hemodialise arrebenta com uma pessoa toda”. AEII6.10- “ a minha vida mudou a 90%” BEII6.32- coragem BEII6.33- refere ter passado por episódios complicados BEII6.34-fala no falecimento de um cunhado BEII6.35-falecimento do irmão BEII6.36-complicações na gravidez da filha. BEII6.37-morte do neto mais novo aos 4 meses de idade (dezembro) BEII6.38-amputação da perna em janeiro BEII6.39- divórcio da filha. BEII6.3.40-acolhimento dos netos em sua casa. BEII6.41-“tens de ser tu o pilar da casa” BEII6.42-“vai ser tanto tanto que eu vou descarrilar” BEII6.43-“não posso ir a baixo” BEII6.44-“sei que isto vai correr mal, assim como no caso dele” BEII6.45-“tenho de lhe dar força” BEII6.46-“Eu nunca chorei à beira dele” BEII6.47- “custou-me muito olhar para ele assim” BEII6.48-“ vós ides vê-lo mas não choreis á frente dele, que eu não quero” BEII6.49- na semana passada A recebeu a notícia que tinha de ir para as urgências no domingo e começou a chorar” BEII6.50-“choro sozinha no meu canto na cama” BEII6.51-“sempre dei força mesmo à minha filha com o que aconteceu com o filho” BEII6.52-Refere dar força aos vários elementos da família BEII6.53- questiona-se sobre quem lhe dar força.</p>
<p>EII P8.1</p>	<p>BEII8.1.1- Boa ligação com os sogros BEII8.1.2-“sempre gostei muito do pai dele” BEII8.1.3-“nunca a tratei mal” BEII8.1.4-“eu posso ser muito fraca, mas o seu filho gosta muito de mim”. BEII8.1.5- “ o pai dele era boa pessoa”</p> <p>AEII8.1.1-Boa relação com os sogros</p>

		<p>AEII8.1.2-o sogro organizava excursões. AEII8.1.3- o sogro gostava que A o acompanhasse nos passeios, por ser uma pessoa divertida. AEII8.1.4- melhor relação com a sogra do que com o sogro. AEII8.1.5- “a minha sogra não é tão chata” AEII8.1.6- “ só ele é que sabe só ele é que manda” AEII8.1.7-refre que o sogro anda sempre com muito dinheiro no bolso. AEII8.1.8- “a sogra é mais simples”</p> <p>BEII8.1.6-a mãe tem 81 anos BEII8.1.7- a mãe é uma pessoa atualizada e que aceita as alterações da sociedade. AEII8.1.9-a sogra acompanha a evolução. AEII8.1.10- refere que o sogro não aceita opiniões diferentes das suas. AEII8.1.11- descreve o sogro como uma pessoa teimosa.</p>
EII P8.2		<p>BEII8.2.1- concorda com o que o marido diz acerca dos seus pais. BEII8.2.2-refere que a mãe é uma pessoa mais flexível. AEII8.2.1-não se admira com o facto da esposa não gostar muito da sua mãe, referindo “há poucas noras que BEII8.2.3-“acho que a minha nora gosta de mim.” BEII8.2.4-“gostava muito mais do teu pai do que da tua mãe” BEII8.2.5-“tu gostas muito mais da minha mãe do que do meu pai e eu aceito”.</p>
EII P9		<p>BEII9.1- “o futuro se não for melhor pelo menos que não seja pior” BEII9.2-“ coisas que eu tenha de fazer agora para o futuro já não vejo” BEII9.3-“vamos viver o dia-a-dia assim aqui no nosso cantinho” BEII9.4-“ a saúde dele já não dá para fazer grandes coisas, nada sequer”. BEII9.5-“não podemos fazer planos”. BEII9.6-“ O meu filho comprou uma casita em França” BEII9.7-recusaram o convite do filho para o ir visitar a França”. BEII9.8-A tem de fazer tratamento todos os dias. BEII9.9-amputação da perna. BEII9.10-“Quando vós quiseres vir de férias vinde vós aqui”. BEII9.11-“daqui para a frente a nossa vida é esta”. BEII9.12-“se não for melhor que nunca seja pior” AEII9.1-“agora só se me sair o euro milhões” BEII9.13-“mas o dinheiro não te tira a doença” AEII9.2-“mas ajuda” BEII9.14-os problemas estão aí” AEII9.3-“agora é viver o dia-a-dia”” AEII9.4-“vamos andando e vamos vendo” AEII9.5-valoriza o apoio/ajuda da esposa AEII9.6-“sem ela não conseguia fazer nada” AEII9.7-com a amputação da perna sai menos vezes de casa AEII9.8- menor contacto social. BEII9.15- “ a amizade é a mesma” BEII9.16-às terças e quintas vão ao café BEII9.17-relata que sempre que vão ao café, o marido é cumprimentado AEII9.9-“a jogar às cartas era uma risota” AEII9.10-“brinco com este, brinco com aquele” BEII9.18- Refere que o marido “se não tiver dores e estiver bem disposto, quem estiver à beira dele não está calado”.</p>

		<p>AEII9.11- refere não ser tão animado como era</p> <p>BEII9.19-“isto está nem 20 % do que era”</p>
EIII _P1		<p>AEIII1.1- “estava habituado a ir dar os meus passeios”</p> <p>AEIII1.2-consciente que com o nascimento dos filhos iam surgir algumas mudanças.</p> <p>BEIII1.1-“ imaginava casar e ter logo um filho”</p> <p>BEIII1.2- queria ter um filho e uma filha.</p> <p>BEIII1.3-“concretizou-se o sonho”</p> <p>BEIII1.4-queria ter o segundo filho apenas quando o primeiro tivesse 6 anos</p> <p>BEIII1.5-passados três meses do nascimento do primeiro filho, engravidou da filha.</p> <p>BEIII1.6-“assim criei os dois juntinhos”</p> <p>BEIII1.7-o filho tem 29 anos e a filha tem 30 anos.</p> <p>BEIII1.8- consciente das alterações que o nascimento de um filho acarreta.</p> <p>BEIII1.9- casaram em 1985</p> <p>BEIII1.10-tentou engravidar durante um ano após ter casado.</p> <p>BEIII1.11- engravidou um ano depois de ter casado.</p> <p>BEIII1.12- “ia ao cinema todos os sábados”</p> <p>BEIII1.13-“passeios ao domingo de tarde”</p> <p>BEIII1.14-Os passeios eram de mota porque não tinham carro</p> <p>BEIII1.15-“as noitinhas eram uma maravilha”</p> <p>BEIII1.16-“ter um filho a gente não vai pensar que a vida vai para melhor”</p> <p>BEIII1.17-“as noitinhas eram feitas a noite toda”</p> <p>BEIII1.18-“depois vem as preocupações”</p> <p>BEIII1.19- refere que os filhos não tiveram problemas de saúde.</p> <p>BEIII1.20-“depois vem os filhos não é nenhum mar de rosas”</p>
EIII _P2		<p>AEIII2.1-“nunca contava que isto ia chegar a estes pontos”</p> <p>BEIII2.1-“ele deixou de trabalhar muito novo”</p> <p>AEIII2.2- sabia que a doença não era fácil, mas nunca pensou que as consequências fossem tão graves.</p> <p>BEIII2.2-“isto não é fácil”</p> <p>BEIII2.3- “não pago aluguer, não pago prestação da casa, é minha”</p> <p>BEIII2.4- Bom relacionamento com os irmãos e cunhados.</p> <p>BEIII2.5- “os meus irmãos deram-nos a casa e fizemos umas obrinhas”.</p> <p>BEIII2.6-“não era nada como é”</p> <p>BEIII2.7-“nós é que fizemos isto tudo”</p> <p>BEIII2.8-“deram-nos o sítio e a casinha como estava”</p> <p>BEIII2.9-foram restaurando a casa lentamente de acordo com as possibilidades económicas</p> <p>BEIII2.10-“deixou de trabalhar muito cedo, já não trabalha há 14 anos”</p> <p>BEIII2.11- Atualmente A tem 54 anos.</p> <p>BEIII2.12- “não tenho prestação de carro”</p> <p>BEIII2.13- “não tenho filhos para manter”</p> <p>BEIII2.14- refere que a reforma de A não daria para suportar mais despesas.</p> <p>BEIII2.3-“é complicado”</p> <p>AEIII2.3-“é muito complicado”</p>
EIII _P3. 1		<p>BEIII3.1.1-Refere que a educação que recebeu dos pais foi a educação que deu aos filhos.</p> <p>BEIII3.1.2-“eles agora estão na vida deles, eles é que mandam”</p> <p>BEIII3.1.3-“mas acho que consegui”</p>

AEIII3.1.1-“se não houver ninguém que faça queixa deles aos pais é porque se estão a portar bem”
AEIII3.1.2-“a educação que dei foi para não dar passos maiores do que as pernas”.

BEIII3.1.4-“a rapariga não tem possibilidades”.

BEIII3.1.5- refere que a filha não tem quem a ajude e que vai regressar de França para vir morar com os pais.

BEIII3.1.6-a filha residiu em França durante três anos e referiu à mãe que essa foi a pior experiência da sua vida.

BEIII3.1.7- divórcio da filha.

BEIII3.1.8-“ o meu filho tem uma mulher espetacular que o soube levar”

BEIII3.1.9-“quando era solteiro quanto ganhava, quanto gastava”

BEIII3.1.10-“hoje estou contente com ele”

BEIII3.1.11- o filho comprou uma casa em França.

BEIII3.1.12- deseja que deus dê saúde e força ao filho e à nora para que consigam pagar a casa.

BEIII3.1.13-“não vos meteis em muitas ilusões que isso às vezes pode dar para o torto”

BEIII3.1.14-“sabei levar a vossa vida”

BEIII3.1.15-Refere que quando a filha está para ter o filho mais novo foram ter com ela a França.

BEIII3.1.16-Refere que a filha naquele ano não podia vir cá e que não ia esperar que o neto nascesse, uma vez que foi gerando vários problemas durante a gravidez.

BEIII3.1.17- “Ele nasceu com bastantes problemas”

BEIII3.1.18- os médicos diziam que o neto ia nascer com lábio rachado, mas não nasceu.

BEIII3.1.19-nasceu sem o céu-da-boca.

BEIII3.1.20-“até me custa falar nisso”.

BEIII3.1.21-nasceu com uma orelha maior do que a outra.

BEIII3.1.22-“já tinha aquela deficiência”.

BEIII3.1.23-“quero ver o meu neto”.

BEIII3.1.24-“Quero ver com os meus olhos como é que aquela criança vai nascer”.

BEIII3.1.25-Estavam em França quando o neto mais novo nasceu.

BEIII3.1.26-“quando vi, coitadinho, vi que realmente aquela criança”.

BEIII3.1.27-“a minha nora é que seguiu a gravidez toda.”

BEIII3.1.28- refere que a nora sabe falar melhor Francês, do que a filha embora a filha também saiba, assim a nora questionava aos médicos sobre alguns aspetos da gravidez.

BEIII3.1.29-Quem foi para o hospital com a filha para esta ter o bebé foi a nora.

BEIII3.1.30-“eu sabia que naquele dia ela ia para o hospital”.

BEIII3.1.31- refere que no dia antes de a filha ir para o hospital estavam na casa do seu filho.

BEIII3.1.32-A filha foi para o hospital com a cunhada.

BEIII3.1.33-quando o neto nasceu a nora telefonou para lhe comunicar.

BEIII3.1.34-as primeiras coisas que questionou foram: “como é o menino?” e “quanto é que ele mede?”.

BEIII3.1.35-“os médicos disseram que ele ia nascer muito pequeno”.

BEIII3.1.36-a nora informou-a que o neto era “um ratinho”.

BEIII3.1.37-“foi logo ligado às máquinas porque ele tinha um problema de coração”.

BEIII3.1.38- foram vê-lo nos dias a seguir ao nascimento e três dias de pois foi operado ao coração em outro hospital.

BEIII3.1.39-foram vê-lo ao hospital depois de ser operado, e no domingo seguinte regressaram a Portugal.

BEIII3.1.40-“aquilo para mim foi até sei lá...”

BEIII3.1.41-a filha ia ver o filho ao hospital de dois em dois dias, fazendo trezentos quilómetros para cada lado.

BEIII3.1.42-“eu dizia prontos vamos ter fé que o menino vai melhorar”.

	<p>BEIII3.1.43-veio passar o natal cá, esteve cá dois dias e faleceu no terceiro dia.</p> <p>AEIII3.1.3-refere que os netos nasceram todos em Portugal exceto o mais novo.</p> <p>BEIII3.1.44-“nasceram aqui muito bem ”</p> <p>AEIII3.1.4-“e quem os criou fomos nós”.</p> <p>AEIII3.1.5-“o mais velho saiu daqui tinha cinco anos”</p> <p>BEIII3.1.45-quando a filha morava em Portugal B cuidava dos netos, ficavam consigo de domingo a sexta.</p> <p>BE3.1.46-agora moram com os avós.</p> <p>BEIII3.1.47-“quando saíram daqui um tinha cinco aninhos e o outro tinha um aninho”.</p> <p>BEIII3.1.48-refere que a saída dos netos foia por coisa que podia ter acontecido.</p> <p>BEIII3.1.49-foi difícil habituarem-se à ausência dos netos.</p> <p>BEIII3.1.50-“a gente está aqui dias e dias que não tinha que dizer”.</p> <p>BEIII3.1.51-“fazia falta aqui a canalha”.</p> <p>BEIII3.1.52- não encontra explicação para o facto do neto mais novo ter nascido com tantos problemas, uma vez que os outros sempre foram saudáveis.</p> <p>BEIII3.1.53-refere que caso o neto não tivesse falecido o seu crescimento iria ser muito lento.</p> <p>AEIII3.1.6-“saíram daqui foi um castigo”.</p> <p>AEIII3.1.7-“a educação lá é totalmente diferente”.</p> <p>AEIII3.1.8-“agora é outro castigo com esta idade com eles crescidos”</p> <p>BEIII3.1.54-refere que a adaptação dos netos não foi fácil nos primeiros tempos após terem regressado.</p> <p>AEIII3.1.7-“a educação lá é totalmente diferente”.</p> <p>AEIII3.1.8-“agora é outro castigo com esta idade com eles crescidos”</p> <p>BEIII3.1.54-refere que a adaptação dos netos não foi fácil nos primeiros tempos após terem regressado.</p> <p>BEIII3.1.55-refere que quando ralha com o neto mais novo este ri-se.</p> <p>BEIII3.1.56-quando o avô lhe diz que lhe vai bater este não liga porque sabe que isso não lhe vai acontecer.</p> <p>AEIII3.1.9-“eles facilitam porque sabem que não lhe batemos”.</p> <p>BEIII3.1.57-refere que se a filha volta a levar os netos para longe vai ser outro problema.</p> <p>BEIII3.1.58- tenho que os deixar ir porque são filhos dela.</p> <p>BEIII3.1.59-pensa que a filha não irá sair mais de perto de si.</p> <p>BEIII3.1.60- ela agora filhos já não quer mais.</p> <p>BEIII3.1.61-“maridos já foste”.</p> <p>BEIII3.1.62-os netos nasceram de parto normal.</p> <p>BEIII3.1.63-refere que os problemas do neto mais novo podem estar relacionados com a família.</p>
EIII _P4	<p>AEIII4.1.- refere que a educação que recebeu dos pais tentou passar aos filhos.</p> <p>AEIII4.2- refere que às vezes é difícil acompanhar a evolução.</p> <p>AEIII4.3-refere que não aprendeu certas coisas que se utilizam atualmente (computadores, tabletes, telemóveis).</p>

		<p>BEIII4.1-o neto mais novo com três anos já sabia jogar no computador. BEIII4.2-refere que a sobrinha instalou jogos no computador para o neto jogar. BEIII4.3-o neto mais novo quando veio de França trouxe consigo tablets, wii, e playstation. BEIII4.4-o filho para ter computador teve que o comprar. BEIII4.5-refere que no tempo em que os filhos andavam na escola, algumas crianças já tinham computador, embora eles nunca tenham tido.</p> <p>AEIII4.4-“naquela altura era o Magalhães.” AEIII4.5-“não tínhamos posses”</p> <p>BEIII4.6-os filhos nunca tiveram o Magalhães porque não tinham escalão A. BEIII4.7-pensa que não é por não ter tido determinadas coisas que os filhos e os netos não as possam ter. BEIII4.8-“ temos que acompanhar a evolução”. BEIII4.9-“ nós nunca comíamos um iogurte, nunca comíamos umas bolachas” BEIII4.10-valoriza a evolução.</p>
EIII _P5		<p>AEIII5.1-“ o rapaz é o pai chapado em tudo”. AEIII5.2-o filho é parecido em ideias, é brincalhão e bem disposto.</p> <p>BEIII5.1-o filho é teimoso. BEIII5.2-“a rapariga é mais para o meu lado”. BEIII5.3- as raparigas têm uma tendência para a mãe. BEIII5.4-“ vai fazer muitas vezes fásca ela e o pai”. BEIII5.5-“não larga a mãe” BEIII5.6- a filha escreveu-lhe uma carta a contar o que a mãe foi para ela. BEIII5.7-“ sabe o valor que a mãe tem”. BEIII5.8-“ ser mãe é duro”. BEIII5.9-“ uma mãe nunca está sossegada”. BEIII5.10-afirma que a filha sente o que ela mesma sente e por isso é que vem para a beira dos filhos. BEIII5.11-fala na importância que o filho sente relativamente à doença do pai. BEIII5.12- tranquiliza o filho relativamente á impotência que sente em relação à doença do pai.</p>
EIII _P6		<p>AEIII6.1- Ora bem o que causou, a mim o que me causou maior dor foi a evolução da doença. AEIII6.2- a maior esperança foi o nascimento dos filhos e dos netos. AEIII6.3-relata contentamento por a família não acabar.</p> <p>BEIII6.1-“ é a maior alegria é os netos”. BEIII6.2-“ Tudo o que faço agora é por os netos”. BEIII6.3-não espera mais netos por parte da filha. BEIII6.4-Espera que o filho tenha ainda uma menina. BEIII6.5-“ mas é uma alegria”. BEIII6.6- “avó é mãe duas vezes”.</p> <p>AEIII6.4-às vezes não é fácil lidar com os netos.</p> <p>BEIII6.7-“ custou-me muito vê-los ir por aí fora”. BEIII6.8-refere que o filho emigrou ainda solteiro e casou lá.</p>

BEIII6.9-questionou a nora sobre o passo que iam dar.
BEIII6.10-“ já que o me vais levar de casa, ao menos trata dele”.
BEIII6.11-quando o filho foi para França foi morar com três ou quatro homens.
BEIII6.12- ficava preocupada com o facto de o filho não ter as necessidades básicas asseguradas.
BEIII6.13-alguns meses depois teve conhecimento que o filho passava fome.
BEIII6.14-o sogro apercebeu-se que ele passava fome.
BEIII6.15-foi o sonho que “arranjou trabalho para o meu filho”
BEIII6.16-o sogro disse-lhe para continuar a pagar o aluguer e o que pagava de comida dar a sua esposa que esta passava a fazer-lhe as refeições.

AEIII6.5-comia varias vezes seguidas “massas com atum”.

BEIII6.17- chegou a comer treze dias seguidos rissóis.
BEIII6.18-“ até as meias lhe roubavam, até as cuecas lhe roubavam”.
BEIII6.19-chegaram a roubar-lhe comida.
BEIII6.20-“ tinha ideia que tu não estavas bem”.

AEIII6.6-afirma o seguinte dos netos: “eles são inteligentes para caramba”.

BEIII6.21-afirma que os netos são irrequietos mas que se estiverem parados é porque estão doentes.

AEIII6.7-os netos têm idades diferentes (nove e quatro anos).
AEIII6.8-“ sempre ao barulho com o outro”
AEIII6.9-quando lhes pede para calarem estes ainda gozam.
AEIII6.10- “eles sabem que a gente que não lhe bate”.
AEIII6.11-quando não tinham os netos consigo olhavam um para o outro e para a parede.

BEIII6.22-“ a gente estava habituada a ir dar o seu passeio sozinhos”.
BEIII6.23-“ as noitinhas eram prontos uma maravilha”.
BEIII6.24-“ a gente tem de ter a preocupação de pôr a pé para pôr o mais novo a fazer xixi senão é um problema”.
BEIII6.25-refere não dormir uma noite completa e que o sono é intercalado.
BEIII6.26-“ eu com os netos supero tudo, tudo e mais alguma coisa eu posso com tudo”.